

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL
MESTRADO

**SIMBIOSE:
RELAÇÕES MÚTUAS ATRAVÉS DO FAZER ARTÍSTICO**

DON GOMES ALVES

GOIÂNIA – GO
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL
MESTRADO

SIMBIOSE:
RELAÇÕES MÚTUAS ATRAVÉS DO FAZER ARTÍSTICO

DON GOMES ALVES

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência para obtenção de título de MESTRE EM ARTE E CULTURA VISUAL, linha de pesquisa Poéticas Visuais e Processos de Criação, sob orientação da Prof^a. Dra. Eliane Maria Chaud.

GOIÂNIA – GO

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Gomes Alves, Don

Simbiose [manuscrito] : Relações mútuas através do fazer artístico /
Don Gomes Alves. - 2016.
CLXXXV, 185 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Eliane Maria Chaud.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade
de Artes Visuais (FAV) , Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura
Visual, Goiânia, 2016.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui mapas, fotografias, lista de figuras.

1. vivência. 2. compartilhamento. 3. coletividade. 4. arte relacional.
5. simbiose. I. Maria Chaud, Eliane, orient. II. Título.



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E
DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Don Gomes Alves		
E-mail:	dongomesalves@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Vínculo empregatício do autor	Discente		
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:GO	CNPJ: 00889834/0001-08

Título:	Simbiose: Relações mútuas através do fazer artístico	
Palavras-chave:	Vivência; compartilhamento; coletividade; arte relacional; simbiose	
Título em outra língua:	Symbiosis: mutual relations through art making	
Palavras-chave em outra língua:	Experience; sharing; collectivity; relational art; symbiosis	
Área de concentração:	Arte, Cultura e Visualidades	
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	06/04/2016	
Programa de Pós-Graduação:	Arte e Cultura Visual	
Orientador (a):	Eliane Maria Chaud	
E-mail:	elianechaud@gmail.com	
Co-orientador (a):*		
E-mail:		

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Dedico este trabalho à Cooperativa de Reciclagem Meio Ambiente Saudável e a todos os moradores do Conjunto Vera Cruz I de Goiânia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer em especial à professora Eliane Chaud pela oportunidade que me concedeu, todos os conselhos neste caminho, a ajuda em momentos de altos e baixos, os preciosos ensinamentos que me fizeram crescer, a cumplicidade e todo o carinho dentro destes anos. Sem a vasta experiência dela, com certeza, esse projeto não teria desdobrado e construído reflexões valiosas dentro de novas perspectivas.

Aos demais mestres que compartilharam do vasto conhecimento que possuem com valorosos ensinamentos dentro de minha vida, dentre eles, com carinho, a amiga Manoela dos Anjos Afonso, que, mesmo de longe, sempre traz inquietações para que o artista em mim não morra.

À COOPERMAS e seus cooperados por toda abertura com o projeto, pois pude perceber o quanto é difícil receber um estranho em seu meio cercado por preconceitos e desconfianças, em especial à Dona Lourdes, grande parceira, que abraçou a proposta e sempre me inspirou por sua sagacidade diante das dificuldades.

À Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Faculdade de Artes Visuais (FAV), pela oportunidade de realizar esta pesquisa e por contribuir na minha formação como artista/cidadão/ser humano. Ao Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual e todos seus membros pela dedicação incondicional. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento ao projeto. À Incubadora Social da UFG, por toda a cordialidade nas informações prestadas.

Às professoras Isabela Frade e Leda Guimarães pelas contribuições às análises do projeto, estruturando melhor as ideias e trazendo novos panoramas para a ação da “Simbiose”.

Aos meus amigos, em especial para Dhiego Gomes Costa, Gabriel de Andrade, Karla Caroline de Faria Godoy e Regina Camargo da Silva, pelos afagos e palavras em momentos de dificuldade que energizaram minha alma, nas ajudas com o projeto que permitiram a conclusão deste processo. Estas amizades estarão sempre comigo e irão transcender a barreira do espaço e do tempo.

Ao Conjunto Vera Cruz I e seus moradores que me acolheram como filho em seu meio, local que aprendi a amar e me instigou nesta nova caminhada dentro do projeto “Simbiose”.

Aos queridos tios Valdomiro e Telma de Oliveira Gomes que me abriram as portas de Goiânia, possibilitando meus estudos, crescimento profissional e amadurecimento como ser humano. Cheguei até aqui graças aos cuidados destes dois que tanto estimo.

Um agradecimento especial para minha família, que me conduziu neste trilho da vida e também possibilitou chegar onde estou com toda a paciência, conselhos e sabedoria que foram de grande ajuda na minha constituição como ser integrado ao seio de Gaia. Marinêz, Donizeth e Enne, partes de mim que não se distanciam, apenas ampliam a energia do amor que a saudade alimenta.

Obrigado!

“A revolução somos nós!”

(Joseph Beuys)

RESUMO

O projeto artístico “Simbiose” se propõe a trazer reflexões sobre os seres humanos e sua relação com o meio em que vive, sejam com o meio ambiente, seu habitat e/ou os demais entes de nossa espécie. No desenvolvimento desta pesquisa foi realizada uma vivência dentro da Cooperativa de Reciclagem Meio Ambiente Saudável (COOPERMAS), com atividades e reflexões que trouxeram à tona os preconceitos que envolvem aquele espaço, culminando no uso do fazer artístico como ferramenta relacional entre cooperados e vizinhança, trabalhando características coletivas em uma proposta colaborativa que foi sendo construída passo a passo. Os hábitos humanos são colocados em discussão neste processo e suscitam o poder que ações culturais têm ao intervir em ambientes hostis, trabalhando o humano em prol de uma conexão entre os seres que circunscrevem o tecido de Gaia.

Palavras Chave: vivência, compartilhamento, coletividade, arte relacional, simbiose.

ABSTRACT

The project "Symbiosis" aims to bring reflections on human beings and their relationship with the means they inhabit, whether for the environment, their habitat and/or other beings of our specie. In developing this search an experience was made in the Recycling Cooperative Healthy Environment (COOPERMAS), with activities and reflections that brought to light the prejudices surrounding that space, culminating in the use of art making how a relational tool among members and neighborhood working collective characteristics in a collaborative proposalIt was being built step by step. Human habits are put to debate this process and raise the power that cultural activities have to intervene in hostile environments, human working towards a connection between beings that circumscribe the cloth of Gaia.

Keywords: experience, share, collectivity, relational art, symbiosis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Intervenção artística no Parque Flamboyant, 2011.....	33
Figura 2. Mapa do Conjunto Vera Cruz I.....	37
Figura 3. Visão aérea da COOPERMAS.....	41
Figura 4. Fotografia de Dona Lourdes.....	54
Figura 5. Registros da rotina da COOPERMAS.....	56
Figura 6. Gerla, Lélia, Dona Vera, Lucivar, Nilma, Selma, Taty e Dona Lourdes.....	58
Figura 7. Registros da COOPERMAS.....	65
Figura 8. Registros da COOPERMAS.....	66
Figura 9 Registros da COOPERMAS.....	67
Figura 10. Desenho feito por Gerla.....	72
Figura 11. Desenho feito por Gerla.....	73
Figura 12. Desenho feito por Gerla.....	74
Figura 13. Desenho feito por Gerla.....	75
Figura 14. Desenho feito por Dona Vera.....	76
Figura 15. Desenho feito por Dona Vera.....	77

Figura 16. Desenho feito por Dona Vera.....	78
Figura 17. Desenho feito por Nilma.....	79
Figura 18. Desenho feito por Lélia.....	80
Figura 19. Desenho feito por Lucivar.....	81
Figura 20. Desenho feito por Lucivar.....	82
Figura 21. Registros da COOPERMAS, 2014 e 2015.....	85
Figura 22. Estudo para intervenção no muro da cooperativa.....	93
Figura 23. Registros da pintura do muro.....	96
Figura 24. Registros do desenho no muro.....	96
Figura 25. Registros da pintura do muro.....	97
Figura 26. Registro das interações no muro.....	100
Figura 27. Registro das interações no muro.....	101
Figura 28. Registro das interações no muro.....	102
Figura 29. Registro das interações no muro.....	103
Figura 30. Registro das interações no muro.....	105
Figura 31. Registro das interações no muro.....	106
Figura 32. Registro das interações no muro.....	107

Figura 33. Intervenção sobre muro da COOPERMAS.....	108
Figura 34. Detalhe da intervenção sobre muro da COOPERMAS.....	109
Figura 35. Detalhe da intervenção sobre muro da COOPERMAS.....	110
Figura 36. Detalhe da intervenção sobre muro da COOPERMAS.....	111
Figura 37. Detalhe da intervenção sobre muro da COOPERMAS.....	111
Figura 38. Registros da apresentação da intervenção aos cooperados.....	116
Figura 39. Registros da apresentação da intervenção aos cooperados.....	117
Figura 40. Registros da apresentação da intervenção aos cooperados.....	118
Figura 41. Registros da apresentação da intervenção aos cooperados.....	118
Figura 42. Registros da apresentação da intervenção aos cooperados.....	118
Figura 43. Registros da apresentação da intervenção aos cooperados.....	119
Figura 44. Registros da apresentação da intervenção aos cooperados.....	120
Figura 45. BEUYS, Joseph. 7.000 Carvalhos, 1982.....	128
Figura 46. OITICICA, Hélio. Parangolé P17 Capa 13 “Estou Possuído”, 1967.....	130
Figura 47. NADOR, Mônica. Paredes Pinturas, 2009.....	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
GÊNESE: O SEMEAR.....	31
As primeiras sementes: reflexões importantes do projeto.....	32
Novas ramificações.....	35
Cooperativa de Reciclagem Meio Ambiente Saudável.....	40
Os anticorpos sociais.....	47
O GERMINAR DA CONEXÃO.....	52
Conhecendo a COOPERMAS: a construção das relações mútuas.....	52
O desenrolar simbiótico.....	59
O muro como camada: intervenção como quebra.....	83
Surge a nova fachada: novos paradigmas relacionais.....	90
DENTRO E FORA: FRUTOS DE NOVOS TEMPOS.....	112
Partilhar: a compreensão da simbiose.....	112
Novas perspectivas.....	121
Diálogos construtivos: anticorpos na arte.....	127

PERCEPÇÕES CONECTIVAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	140
APÊNDICE.....	145
Apêndice A – Presentes.....	146
Apêndice B – Entrevistas.....	149
Apêndice C – Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	174
Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	178

INTRODUÇÃO



COLABORAÇÃO
COMURG
COOPER-MAS



ESTABLECIDO PARA COMRA
COMPRAS PARA...
COMPRAS PARA...
COMPRAS PARA...

ESTABLECIDO PARA COMRA
COMPRAS PARA...
COMPRAS PARA...
COMPRAS PARA...

DELL











COOPERMAS, recinto de anticorpos que se fecundam no seio de nossa mãe...

Papelões, plásticos, metais, etc...

Pedaços de nós mesmos descartados à esmo...

Vestígios de nossa espécie que se misturam com as ausências dos cooperados...

Prensa mecânica que comprime o residual: compressão não é compreensão!

Nas mesas os trios triam...

Cores vivas de esperanças distintas...

Ocupo o espaço e sou ocupado por ele...

É triste ver nossos rejeitos se fundirem com quem rejeitamos...

A tristeza é o combustível da solidão...

A solidão é a semente dos devaneios...

Os devaneios são o alimento da mente...

A mente é o chicote da carne...

A carne é a fraqueza do ser humano...

O ser humano é o poço da tristeza...

Mas este oroborus se rompe na simbiose com o espaço...

A cooperativa vive!

Pulsa a modificação de genes que nos afastaram da conexão com Gaia...

Traz vida!

Despraticar um olhar acostumado e viciado as rotinas que o cercam passa a ser um horizonte...

Refletir e ver novas possibilidades...

Uma introspecção no tempo que aquele espaço me concede aguçam meus sentidos!

Olhar os detalhes...

Saborear o alimento...

Tatear as superfícies...

Escutar cada ruído...

Sentir cada odor...

Despraticar é permitir-se!

Mas a inexorável cor cinza invade o horizonte e aglutina as barreiras que se formam entre nós...

Alimenta aquilo que há de pior no ser humano...

Há uma contaminação!

Só que desta vez de algo novo que criará uma nova pele para o local...

Pele que recobre a carne das relações de nossa espécie...

O projeto “Simbiose¹” tem como objeto de estudo o ser humano, trazendo, através do fazer artístico, reflexões e diálogos sobre os hábitos que circunscrevem as práticas dessa espécie em seu meio, tanto o ambiente físico quanto a esfera relacional, pensando novas formas de viver no mundo. Visa também permear a cultura que nos circunda com práxis artísticas sustentáveis e, assim, trazer um olhar diferente para o planeta, para as ações humanas, coletivizando uma consciência que se abre para um estado humano novo. Esta pesquisa acontece na Cooperativa de Reciclagem Meio Ambiente Saudável (COOPERMAS), localizada no Conjunto Vera Cruz I, região oeste de Goiânia, que abriga as práticas sustentáveis de alguns entes de nossa espécie, buscando apreender suas histórias, fazer parte da rotina e se fundir aos hábitos dos cooperados, usando a arte como intercessora nesse processo. Aprender! Trocar! Compartilhar! Para, assim, poder ressoar conceitos e atos conectivos de caminhos sustentáveis para o planeta Terra e para quem o habita.

Por pouco mais de dez meses, uma convivência entre corpos distintos se estabeleceu no cerne desse canto do território brasileiro, fecundando aproximações, interações e atividades que trouxeram reflexões valiosas sobre os seres humanos em seu meio, trazendo à tona as camadas que se criaram entre nós. Esta pesquisa mostrará agentes importantes do nosso mundo, agentes cujas práticas são marginalizadas por grande parte de nossa espécie. E através dessas relações que se criaram entre pesquisador e comunidade de catadores, esta pesquisa pretende propagar diálogos e reflexões em nosso bairro, que possam edificar novos horizontes para a comunidade do bairro e para os participantes do projeto. Os diálogos e as reflexões

¹ No decorrer do texto, ao usar a palavra “Simbiose” (entre aspas e maiúscula), estará sendo uma referência ao título deste projeto artístico. Quando utilizada sem as aspas e em minúsculo é a especificação do conceito de simbiose, que está esclarecido no desenvolvimento do texto.

oriundos da relação com a cooperativa são estopins de campos relacionais que ramificam objetivos conectivos no nosso planeta, pensando o que nos cerca como parte de nós, onde tudo é um, e um é tudo.

No capítulo “Gênese: o semear”, apresento a base que solidificou as inquietações para o futuro desenvolvimento deste projeto e que foram importantes para compreender as motivações e intenções que o artista/pesquisador teve na sua aproximação com a cooperativa; os passos que foram trilhados pela “Simbiose” trarão o entendimento da construção desta pesquisa. Mostro também a COOPERMAS, evidenciando suas dinâmicas, sua história e suas dificuldades, revelando quem são os cooperados e algumas de suas particularidades.

Já em “O germinar da conexão”, apresento o caminho percorrido dentro da cooperativa, desde a primeira aproximação realizada em julho de 2014, passando pelas entrevistas, desenhos e a intervenção no muro até um dos últimos contatos concretizados em agosto de 2015. Aprofundo-me nos meandros da cooperativa e na crescente ligação entre artista/pesquisador e cooperados, conhecendo melhor aquele local e seus agentes, assim como a relação deles com o bairro e seus vizinhos. Paralelamente, narro sobre minha experiência de inserção nesse local e analiso, com a ajuda dos pensamentos de Yu-fu Tuan e Marta Traquino, como ele foi deixando de ser um espaço, algo de passagem transitória e fugidia, para se tornar um lugar, lidando com afetividades e relações mais intimistas. O autor Nelson Brissac Peixoto contribui para a reflexão realizada no clímax do período em que estive dentro da cooperativa, auxiliando em como pensar a barreira física que se instaurou no processo que se desenvolvia naquele local.

Finalizando essa trajetória, em “Dentro e fora: frutos de novos tempos”, analiso toda a vivência que aconteceu na COOPERMAS, desde os primeiros contatos até a intervenção artística que acontece na cooperativa. As interações dos transeuntes complementam essas reflexões, costurando o que está dentro e

fora daquele espaço, onde acabo atuando como ponte entre esses mundos que se criaram dentro do bairro Conjunto Vera Cruz I. Os preconceitos que afloraram nesse ambiente e cercam os cooperados como muros que os aprisionam socialmente estarão em debate, no qual a proposta de simbiose aparece como luz neste caminho que estamos trilhando, trazendo as relações mútuas como trocas inteligentes e sustentáveis para a mudança destas condições que afloram no cerne de nossa espécie. A arte se apresenta aqui como catalisadora deste processo, trabalhando a coletividade no ser humano e tirando a característica isolada do artista, fazendo-o necessário diante do que o cerca. Esta discussão é fomentada com as contribuições de importantes autores, como Nicolas Bourriaud, André Luiz Mesquita e Luiz Sérgio de Oliveira, cujos conceitos, como arte relacional, arte coletiva e prática colaborativa ajudam a entender melhor o papel das ações artísticas em nosso cotidiano. Algumas referências artísticas trazem influências para este caminho trilhado e complementam as análises, como Joseph Beuys, Hélio Oiticica, Mônica Nador e Eliane Chaud. Esses diálogos ajudarão a compreender as práticas artísticas que lidam com o aspecto coletivo e militante da arte, identificando meios de inserção nos espaços públicos para gerar experiências perceptivas e conectivas entre os seres humanos, evidenciando também o caminho do projeto e sua importância dentro do Conjunto Vera Cruz I.

Importante salientar a organização dos assuntos abordados em cada capítulo, já que, tradicionalmente, os referenciais teóricos e artísticos costumam vir já no primeiro capítulo para dar uma base às práticas das pesquisas acadêmicas. Opto por deixar os referenciais no terceiro capítulo para que a experiência de imersão no caminho que é construído para as ações do projeto seja maior, pois vemos como a pesquisa já havia plantado algumas sementes na graduação, desdobrando em novas reflexões que culminam na experiência realizada na COOPERMAS. Este desenvolvimento crescente faz com que os leitores conheçam a

cooperativa juntamente comigo e partilhem da experiência passo a passo, como uma planta que cria raízes e se fortifica a cada novo ramo que surge, deixando os frutos para serem saboreados depois. Com os referenciais no terceiro capítulo, os diálogos com os autores e os artistas se aprofundam melhor, enriquecendo as análises, sem a preocupação de estragar a experiência para o leitor, pois a vivência já foi apresentada.

Em “Percepções conectivas: considerações finais” apresento um olhar mais intimista para as análises, mostrando como o desenvolvimento deste projeto me afetou, mudando alguns conceitos e práxis de atuação da pesquisa, extremamente importantes para trilhar passos em buscas de reflexões interiores. Pesquisar e inserir-me em questões coletivas, dentro dos hábitos da espécie humana, agregou-me valores que iluminaram um amadurecimento do artista-cidadão em mim.

Nos apêndices, algumas complementações estão disponíveis como: as entrevistas completas, que podem ajudar o leitor a se aprofundar nas questões que envolvem a COOPERMAS; imagens dos presentes entregues aos cooperados como forma de agradecimento pela participação no projeto; documentos de autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), obrigatório para trabalhos que envolvam terceiros, e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de cada cooperado, que mostra o consentimento deles para com a pesquisa e licencia a veiculação de suas imagens.

Muito além de uma pesquisa acadêmica, a “Simbiose” passou a ser um conhecimento que ressoa pelo espaço e pelo tempo, modificando, antes de tudo, minha vida como um ser integrante do coletivo que constitui o planeta.

GÊNESE: O SEMEAR

O projeto se iniciou a partir de reflexões em torno dos seres humanos e dos seus hábitos, pesquisando as relações que esses seres possuem com o que lhes cerca. Essa dualidade entre nós e o meio em que vivemos é de suma importância para o desenvolvimento do trabalho, refletindo sobre nossa condição microcós mica dentro do planeta a partir das práticas individualistas que temos. Todo o trajeto dentro desta proposta também é uma investigação sobre mim, minha reinvenção como parte do macrocosmo que constitui toda a coletividade que compõe a Terra. Sozinhos, somos um grão de areia na praia. Juntos, compomos todo o cenário. A coletividade no processo é um dos objetivos deste projeto, evidenciando as relações mútuas que podem acontecer entre nós por intermédio da arte. A partir dessas reflexões a pesquisa teve como foco a aproximação com os trabalhadores da Cooperativa de Reciclagem Meio Ambiente Saudável (COOPERMAS) que se localiza no bairro Conjunto Vera Cruz I de Goiânia, capital do estado de Goiás, comunidade à qual pertencço. Eles merecem um olhar atento como colaboradores deste processo, pois realizam um papel importantíssimo na sociedade em que vivemos, e suas práticas dialogam com a proposta de sustentabilidade deste projeto, ajudando a florescer uma conexão entre os seres que constituem a Terra. Mas todo esse caminhar que busca uma simbiose com o que nos cerca não começou naquele momento.

As primeiras sementes: reflexões importantes do projeto

Não é possível apontar com exatidão para a gênese do projeto “Simbiose” ao longo de meu caminhar como artista/cidadão/ser humano/Don, pois as reflexões que permeavam minha mente e que culminaram neste trabalho artístico foram construídas e desdobradas ao longo destes trinta anos de vida. O início foi obscuro e sempre que tento identificá-lo encontro-me com acontecimentos que o desmentem, mostrando o vazio desse pretense começo. Assim, o princípio da construção desta pesquisa como um projeto artístico e acadêmico pode ser apontado no momento em que as reflexões caminham para a produção plástica e os levantamentos conceituais, convergência importante para propostas no campo da arte na contemporaneidade, como explica Sandra Rey (2004, p. 131):

Acredita-se que todo trabalho de arte comporta uma idéia, uma dimensão técnica e uma dimensão teórico-conceitual. Consequentemente, para realizar uma proposta de arte contemporânea, o artista pesquisa os meios técnicos que melhor se adaptam à sua idéia e trabalha teoricamente as implicações conceituais que estão implícitas em seus procedimentos.

A partir do momento em que esses elementos se cruzam num ponto comum posso determiná-lo como início da “Simbiose” enquanto projeto artístico, não significando que essas reflexões se iniciaram exatamente nesse ponto, mas foi o período em que percebo com maior clareza que tudo começou a caminhar em conjunto. E ele é o ano de 2011, quando a pesquisa teve um adensamento reflexivo, conceitual e produtivo na graduação, cursada na Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG), mais precisamente nos dias 08 e 09 de outubro, dando seu primeiro grande passo: uma intervenção no Parque

Flamboyant² (Figura 01). Durante alguns meses que antecederam a ação no parque, lancei-me pela cidade como um andarilho, coletando resíduos plásticos que eram encontrados em locais inapropriados de descarte, e com esse material confeccionei as, assim denominadas por mim, “malhas plásticas”, que foram utilizadas para embalar o tronco de uma árvore do parque, se espalhando pelo chão como sua sombra.



FIGURA 01 – Intervenção artística no Parque Flamboyant, 2011. Fonte: arquivo pessoal.

² Parque Flamboyant é uma área verde localizada no bairro Jardim Goiás, inaugurada em 2007, sendo referência como parque público na capital do estado de Goiás. Para maiores informações, visite o site: <<https://www.goiania.go.gov.br/html/principal/goiania/parquesebosques/parquemunflamboyant.shtml>>. Acesso em: Junho de 2015.

Vendo os maus hábitos dos seres humanos como atitudes virais, procurei modificar essa característica em mim para atuar como um anticorpo³ dentro deste sistema, recolhendo os resíduos que foram descartados em ruas, praças, lotes etc., devolvendo-os transformados a um local de lazer dos seres humanos, com o intuito de provocar, trazer reflexões, conscientizar. O abraço do artificial e do natural fez com que as texturas do plástico e da árvore se misturassem, juntamente com a relação do material com o local onde a intervenção ocorre, levantando questões sobre nossas práticas no planeta. Na ocasião, a pesquisa do biólogo inglês James Lovelock, intitulada *Teoria de Gaia*⁴, influenciou bastante minhas reflexões e muitos de seus conceitos se arraigaram dentro de mim, posto que percebo nosso planeta como um grande organismo vivo, que tem o poder de se autorregular para sobreviver ao longo dos tempos. Esta autorregulação é realizada pelos estímulos de todos os tecidos do planeta, que são compostos por seu ambiente natural e o conjunto de seres vivos que nela habitam (LOVELOCK, 2001). Nós, seres humanos, somos parte integrante desse complexo sistema orgânico, mas nos afastamos dele gradualmente ao longo da história de nossa mãe, o planeta Terra, que chamo aqui de Gaia. Como, então, podemos nos reaproximar e viver de forma harmoniosa com ela?

Foram esses pensamentos e reflexões que governaram minhas práticas na época e me movem até os dias de hoje, pois como artista plástico, atuo através da arte para trabalhar essa reaproximação, tornando-me locatário da cultura⁵, operando em meu tempo e buscando modos de viver no mundo presente. Para

³ A palavra anticorpo que será usada neste texto é uma alusão poética ao sistema defensivo do corpo humano, na qual defendo as práticas sustentáveis como equivalentes à defesa de um organismo vivo, nesse caso, da Terra.

⁴ A palavra Gaia vem da mitologia grega e personifica a Deusa-Terra, mãe dos titãs. Foi sugerido a James Lovelock pelo poeta e amigo inglês William Golding (LOVELOCK, 2001).

⁵ Expressão criada por Michel de Certeau, usada no livro “Estética Relacional” de Nicolas Bourriaud para designar a atuação do artista como bricolagem e reciclagem de dados culturais (BOURRIAUD, 2009).

reestabelecer a conexão com Gaia, o primeiro passo seria reconhecer a existência desse complexo organismo vivo e pensar como atuamos dentro dele. Os próximos seriam refletir sobre nossas ações e tomar providências para que aconteçam mudanças em nossos hábitos (LOVELOCK, 2006). Um caminho difícil e longo, em que a simbiose, que consiste na união de dois ou mais seres vivos que vivem em comum e com benefícios mútuos, atuaria como porta de entrada necessária para a integração com o planeta. A arte, por ser uma ferramenta de transformação social, pode muito bem atuar nestes estágios, mostrando o problema, levantando questionamentos, causando ruído no cotidiano, apontando caminhos, coletivizando consciências. Todo esse processo que ocorreu em 2011 foi a base das reflexões que culminaram neste desdobramento que será apresentado aqui, quando o projeto se direcionou para a COOPERMAS, visando compreender a situação dos profissionais da cooperativa, refletir sobre sua atuação no âmago de Gaia e interferir no bairro onde residimos, mostrando os seres que ali fazem um trabalho simbiótico com o ser que hospedamos.

Novas ramificações

Após um período de reflexões, algumas inquietações começaram a surgir, suscitando novos questionamentos que culminaram na presente proposta. O primeiro passo do projeto, apesar de trazer alguns de nossos hábitos para diálogo visando melhorias em nossa espécie, tinha uma visão extremamente pessimista quanto aos seres humanos, generalizando todos nós dentro do conceito viral que James Lovelock aplica em seu livro *A vingança de Gaia*, de 2006. Mas seriam todos os seres humanos entes virais dentro do sistema em que vivemos? Se eu mesmo disse que havia me livrado dessa condição viral – que entrou em debate no texto realizado na graduação –, porque não existiriam outros em nossa espécie que também se

livrariam de tal estado e se conectariam de certa forma com Gaia? Quem age como anticorpo dentro deste organismo em que vivemos?

Permeado desses questionamentos, a “Simbiose” aqueceu suas chamas, despertando fagulhas na inquietação de um desdobramento que clareasse novas possibilidades, novos caminhos a percorrer, diálogos a suscitar, reflexões a se fazer. No trabalho anterior, a produção tentou envolver a cidade como um todo, sem um centro específico de atuação e análise. Os resíduos foram coletados em diversos pontos aleatórios da cidade e foram transformados para uma intervenção num parque de Goiânia (inicialmente seriam três locais de lazer onde a intervenção ocorreria, mas não foi possível devido a algumas burocracias com administradores desses espaços). Nessa época, não foi realizada uma reflexão concisa sobre os locais escolhidos (suas histórias, curiosidades e afetividades), assim como faltou uma reflexão da cidade em si, impossibilitando um diálogo importante e pontual que poderia acontecer, pois a proposta tentava ser grande e abranger o todo (o mundo em si). Não que tudo realizado naquela época se perdeu, ao contrário, foi importante para aquele momento que o desenvolvimento do projeto acontecesse daquela maneira, pois acarretou no amadurecimento da “Simbiose” e do Don como artista. Assim como Sandra Rey (1996, p. 84) aponta: “O erro no processo de instauração da obra, não é engano, é aproximação”.

Sendo natural do Tocantins e morando a cerca de 10 anos em Goiânia, o bairro que resido, chamado Conjunto Vera Cruz I, me instiga por ser um local tranquilo, com características de uma cidade interiorana, onde tudo é uma grande novidade que instiga meu olhar que ainda não se vendou pela rotina e pelo tempo, que costumam desgastar um determinado lugar no imaginário de uma pessoa. Para este projeto, ao invés de realizar uma projeção macro, comecei a traçar um desdobramento que partisse de um ponto específico da cidade, pensando melhor esta localidade, mas ainda mantendo a discussão ampla que o projeto “Simbiose”

trazia dentro de suas práticas. Quem na minha vizinhança age como anticorpo no seio de Gaia? Após uma investigação, identifiquei nas imediações dos conjuntos da região noroeste algumas cooperativas de reciclagem devido à proximidade ao aterro sanitário da região metropolitana de Goiânia (Figura 02), onde trabalhadores retiram o sustento da separação de nossos resíduos. Seriam eles os anticorpos que buscava?

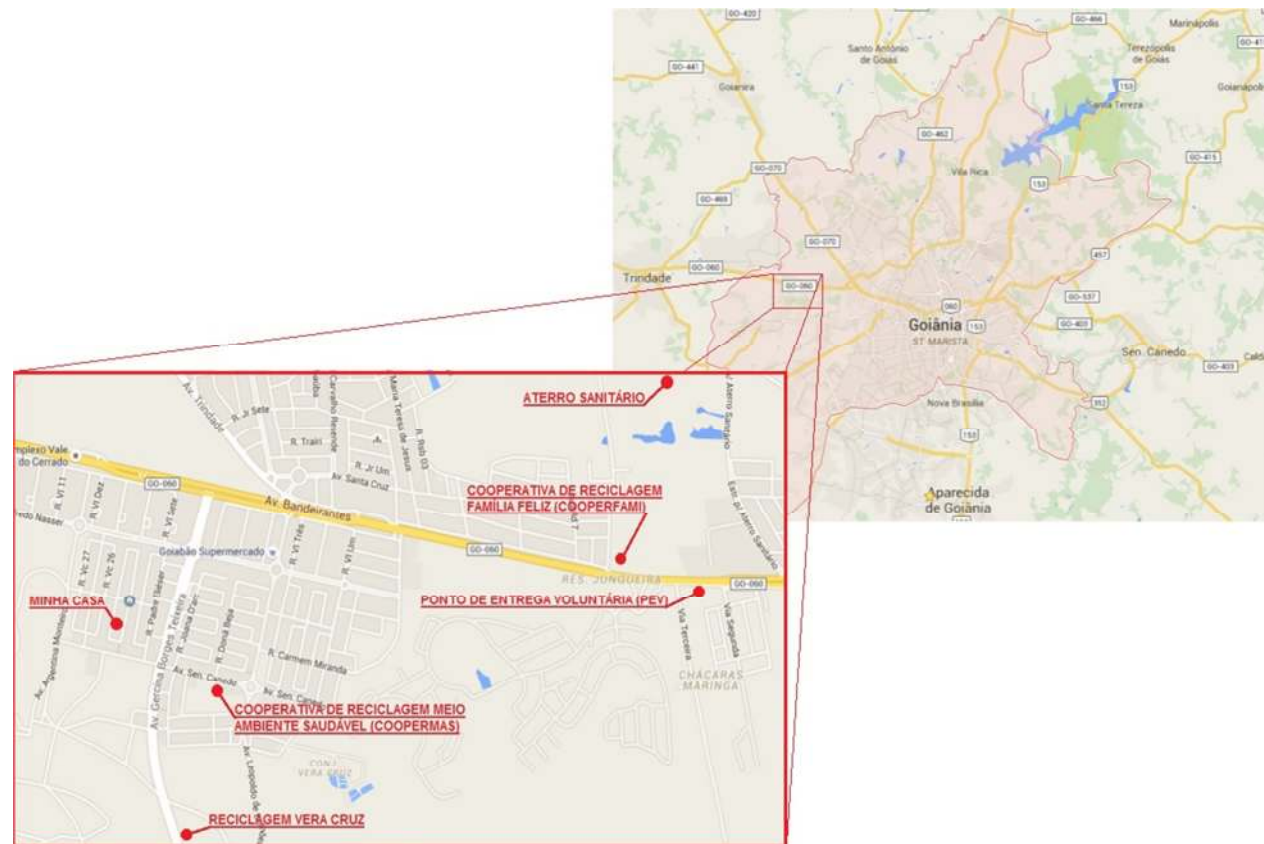


FIGURA 02 – Mapa de Goiânia e do Conjunto Vera Cruz I, 2016. Fonte: Google Maps.

Tendo os cooperados como os elementos dentro do sistema que procurava, foi elaborado o novo passo da “Simbiose”, projeto que foi vinculado ao Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG, na linha de pesquisa em Poéticas Visuais e Processos de Criação. Coletivizar as reflexões e o fazer artístico, desde sua concepção aos diálogos que surgem posteriores à sua execução, seria uma maneira de trabalhar, por meio da arte, a conscientização e educação da população do bairro. Uma proposta mais pontual, que tinha como objetivos:

- Identificar e conhecer uma comunidade de catadores de resíduos do bairro Conjunto Vera Cruz I;
- Desenvolver atividades artísticas em grupo com os cooperados;
- Refletir sobre o trabalho destes profissionais em nossa sociedade;
- Propor um processo artístico coletivo mediado pelas reflexões construídas em grupo;
- Intervir no bairro como forma de expor e ressoar os diálogos realizados durante a pesquisa.

Ao me lançar neste novo passo do projeto “Simbiose”, não conhecia qualquer uma das cooperativas da região ou mesmo seus integrantes. Por ser relativamente novo no bairro e não ter raízes tão profundas quanto os que ali nasceram, sempre estive instigado com o trabalho dos cooperados, já que me interesse bastante pelas práticas sustentáveis, assim como por refletir as práticas humanas. Conhecer e me aproximar do universo de agentes tão importantes para a coletividade que constitui a grandiosa mãe Terra era um desejo grande. Como são estes sujeitos? Como são vistos pela comunidade do bairro? O que pensam sobre suas práticas? Foi atrás das repostas desses questionamentos que esta pesquisa se iniciou, sem qualquer trilha definido para seguir, pois o caráter processual é o motor da proposta, em que a experiência no local irá construir passo a passo as relações entre a cooperativa e o pesquisador, assim como definirão as práticas

que serão desenvolvidas para que a produção seja coletiva. É a arte em ação, movida pela vontade do ato conectivo, que se caracteriza como um *work in progress*, em que “o que é mais relevante não é a forma dos objetos, mas o processo de produção e de organização conceitual que eles indicam” (MAMMI, 2001, p. 83).

Segundo Lorenzo Mammi (2001, p. 81), crítico de arte e professor de História da Música, na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), o estilo estético foi substituído pelo modo de fazer, que caracteriza a personalidade do artista:

[...] em muita arte contemporânea a perda de um conceito de estilo, como o *work in progress*, como processo continuamente renovado de auto-formação, leva à repetição compulsória de alguns gestos característicos ou de algumas técnicas, que se tornam indicadores da personalidade do artista, cumprindo a função que antigamente era do estilo.

Portanto, esse caráter processual faz parte de minha personalidade como artista e torna-se o gene dominante do projeto “Simbiose”, ramificando possibilidades a cada relação construída, frutificando caminhos que são incertos e que se fortalecem à medida que são levantados. Mas para que este processo germinasse, era preciso antes conhecer todos seus agentes.

Cooperativa de Reciclagem Meio Ambiente Saudável

A COOPERMAS foi a cooperativa de catadores escolhida para o desenvolvimento do projeto, pois, das que estão na região noroeste da capital, é a única que situa-se no Conjunto Vera Cruz I e é formada por um coletivo de trabalhadores (diferente do espaço Reciclagem Vera Cruz – visto no mapa anterior – que é particular e não tem vínculos com instituições públicas). A COOPERMAS foi a segunda cooperativa desse tipo de trabalho na região metropolitana da capital que, no início desta pesquisa, contava com 12 cooperados que trabalhavam de segunda à sexta, das 8 às 17 horas, liderados por Maria de Lourdes Moreira Soares (mais conhecida como Dona Lourdes). A cooperativa nasceu no ano de 1999 e, antes mesmo de ter uma sede própria e se organizarem como um grupo, os trabalhadores atuavam vinculados à Paróquia Santíssimo Salvador (Figura 03), igreja católica do bairro, usando o pátio desse local para reunir os materiais recicláveis, como contado por Dona Lourdes, em uma entrevista⁶:

Ela [COOPERMAS] surgiu ali no pátio da igreja com o pessoal coletando na rua de carrinho e separando lá. Eles vendiam o material e faziam cestas [básicas] para as pessoas mais necessitadas na época. E na época o prefeito era o Pedro Wilson⁷, que sensibilizou de ver as pessoas fazendo isso, e foi aonde ele deu essa área aqui, construiu esse galpão aí e o Banco do Brasil deu as prensas e assim começou (informação verbal).

⁶ As entrevistas com Maria de Lourdes Moreira Soares, aqui citadas, foram realizadas em julho de 2014. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice B – entrevistas.

⁷ Pedro Wilson é formado em Direito e Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Foi prefeito de Goiânia entre os anos de 2001 e 2004. Para maiores informações, visite o site: <<http://www.goiania.go.gov.br/portal/prefeitura.asp?s=4&tt=con&cd=1418>>. Acesso em: Maio de 2015.



FIGURA 03 – Visão aérea da COOPERMAS, 2016. Fonte: Google Maps.

Dona de um espaço próprio, a cooperativa se organizou e os trabalhadores conseguiram se mobilizar enquanto grupo de profissionais. Contam com o apoio da Universidade Federal de Goiás (UFG), por intermédio da Incubadora Social⁸, que contribui com a organização da COOPERMAS, ensinando-os a: controlar os ganhos e tributações; distribuir a renda proveniente do trabalho que os cooperados desenvolvem; estruturar uma dinâmica na rotina de separação dos resíduos para melhor aproveitamento do tempo da empresa. A incubadora também promove cursos de capacitação profissional, assim como disponibiliza assistência jurídica, contábil e administrativa à cooperativa. Dessa forma, percebi que estes trabalhadores

⁸ Para maiores informações sobre a Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás, visite o site: <<https://www.incubadorasocial.ufg.br/>>. Acesso em: Maio de 2015.

têm uma organização empresarial consolidada e forte, algo que surpreende aqueles que não conhecem profundamente esse tipo de local e trabalho.

Engana-se quem acha que os cooperados são aquelas figuras que peregrinam pela cidade com carrinhos improvisados em busca de resíduos que possam ser reciclados e, assim, realizar o próprio sustento. Por um determinado tempo eles foram, mas foi criado um sistema para reaproveitamento dos resíduos da cidade que beneficia esses trabalhadores, facilitando sua organização como um grupo. Segundo informações concedidas por entrevista realizada com agentes da Incubadora Social, as cooperativas do estado de Goiás são bem estruturadas e funcionam realmente como empresas. Elas se organizam conjuntamente aos órgãos públicos para atuarem no sistema de recolhimento de materiais residuais, como vimos anteriormente, em parceria com a Incubadora Social da UFG.

Outro órgão da máquina municipal que faz parte deste projeto é a Companhia de Urbanização de Goiânia (COMURG)⁹, que realiza a execução do Programa Goiânia Coleta Seletiva. Esse programa se iniciou em novembro de 2008 com os Pontos de Entrega Voluntária (PEV's), locais onde o cidadão poderia deixar os resíduos recicláveis que havia separado em sua residência, posteriormente foi ampliado para a coleta seletiva porta a porta, que atendia apenas alguns bairros da cidade até se ampliar e atingir a escala atual do programa (a região metropolitana de Goiânia). A coleta seletiva tem como objetivo reduzir a quantidade de

⁹ Órgão da gestão municipal que atua como agente de execução operacional na limpeza de logradouros públicos, manutenção de parques, coleta de lixo doméstico e hospitalar, entre outras funções. Para maiores informações, visite o site: <<http://www.comurg.com.br/m1/#>>. Acesso em: Maio de 2015.

materiais recicláveis encaminhados para o aterro sanitário da capital, aumentando sua vida útil, e, conseqüentemente, beneficiando as cooperativas de catadores¹⁰.

A dinâmica da cooperativa funciona da seguinte forma: ela recebe os caminhões da coleta seletiva praticamente todos os dias, que trazem os resíduos coletados porta a porta. A entrega da coleta ocorre inclusive sábados e domingos, já que um dos cooperados dorme no local (atuando também como vigia do espaço) e recebe os materiais nesses dias. O fato de a COMURG realizar a coleta dos materiais e leva-los à COOPERMAS ajuda os cooperados, mas não significa que facilite todo o processo, pois muitos dos resíduos não são separados corretamente pela população e chegam até eles com lixo orgânico e não recicláveis misturados, e necessitam de uma triagem¹¹ adequada, que ocorre de segunda à sexta, até poderem ser organizados em fardos ou blocos prensados. Não são os cooperados que reciclam os resíduos, mas, sim, outros agentes desse sistema, como empresas particulares, que todas as quintas vão até a cooperativa para comprar os materiais já separados e embalados, transformando-os em matérias-primas novas para usos diversos. Na sexta-feira, além do trabalho rotineiro, acontece o pagamento dos trabalhadores do grupo e, esporadicamente, são realizados treinamentos ou reuniões entre os cooperados e a Incubadora Social para aperfeiçoar sua atuação dentro do sistema de reciclagem da cidade.

Segundo Dona Lourdes, a capacidade de atuação da COOPERMAS como uma empresa de separação residual só não é maior por dois motivos: problemas na gestão pública municipal e falta de conscientização da população sobre reciclagem. O primeiro engloba a crise financeira que atinge a prefeitura de Goiânia, que,

¹⁰ Para maiores informações sobre o Programa Goiânia Coleta Seletiva, visite o site: <<http://www.goiania.go.gov.br/shtml/coletaseletiva/principal.shtml>>. Acesso em: Maio de 2015.

¹¹ Triagem é o ato de separação dos resíduos recicláveis, tendo como principais grupos os vidros (representados pela cor verde), os metais (representados pela cor amarela), os plásticos (representados pela cor vermelha) e os papéis (representados pela cor azul) (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2001).

por não ter dinheiro em caixa, diminuiu consideravelmente os investimentos em serviços básicos à população (não estou, aqui, julgando a administração atual, apenas discorro sobre o problema apontado pelos cooperados para evidenciar suas condições de trabalho). Conforme reportagem do G1/Goiás, os cortes de gastos e reestruturação da COMURG afetaram diretamente a coleta seletiva, que acabou tendo suas atividades reduzidas¹², como também pode ser visto na explicação de Dona Lourdes:

[...] pra quem produzia aí, vamos supor, umas 10 toneladas por semana, tá produzindo 5 ou 6 toneladas [...] a prefeitura tá devendo e ela [a empresa que terceiriza os veículos para coleta] recolheu a maioria dos caminhões, parece que era 34 caminhões e só tem uns 10 na rua (informação verbal).

A crise financeira que acontece em uma ponta da gestão pública da cidade reverbera como cascata nas demais ramificações do sistema, atingindo também as cooperativas de catadores. Segundo a Incubadora Social, antes dessa crise de gestão da cidade, pela qual passamos, existiam 15 cooperativas atuando na região metropolitana de Goiânia e, no início desta pesquisa, infelizmente, uma delas já havia encerrado as atividades por causa da conturbação nas contas do município. Na COOPERMAS não seria diferente, pois, além do volume de materiais para trabalhar ter sido reduzido, a cooperativa perdeu trabalhadores, como percebemos na primeira fala de Dona Lourdes. Se a cooperativa dispõe hoje de 12 cooperados, em um passado não muito distante eles eram 26 profissionais. Com pouco material para trabalhar, a renda diminuiu, conseqüentemente as pessoas procuraram outras atividades para sustentar a família, ocasionando mais demora no sistema de produção da cooperativa, resultando em rendimentos ainda mais baixos.

¹² Para maiores informações sobre o corte de gastos da atual gestão municipal de Goiânia, visite o site: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/07/prefeitura-de-goiania-anuncia-corte-de-gastos-e-reestruturacao-na-comurg.html>>. Acesso em: Maio de 2015.

O segundo motivo que impede o crescimento e a atuação da COOPERMAS é a falta de conscientização ambiental por parte da população goianiense, uma falha na educação que não é exclusividade de quem está no estado de Goiás, mas que atinge todo o território nacional. Segundo Dona Lourdes: “Os menino [a coleta seletiva] recolhe no máximo 30% do material reciclável da cidade. Em uma quadra que eles passa é no máximo umas 3 ou 4 casa que separa”, e complementa mostrando que esta pequena porcentagem ainda separa mal os resíduos: “Aqui vem lixo de banheiro, vem cachorro morto, rato morto, vem lixo de cozinha com bicho que tá até cabeludo, é um absurdo (informação verbal)”. A porcentagem dos resíduos recicláveis que são coletados em toda capital é muito baixa, pois o destino do lixo e do material reciclável é feito de forma errada pela população, conforme aponta a análise realizada pelos pesquisadores Renata Ribeiro, Roberta Pinheiro e Diógenes Melo (2012, p. 5) em estudo aplicado no ano de 2012 e apresentado em Goiânia no III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental: “[...] ainda existe grande quantidade de resíduos potencialmente recicláveis que poderiam ser encaminhados ao programa de coleta seletiva existente no município, mas são enviados ao Aterro Sanitário de Goiânia”. Destarte, com uma gestão pública eficiente e políticas educacionais mais contundentes, o volume de materiais que poderiam chegar até as cooperativas seria muito maior, já que estamos em uma cidade com quase um milhão e meio de habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹³. Isso geraria mais renda aos cooperados, resultaria em investimentos nas sedes das cooperativas, deixaria a profissão mais atrativa e contribuiria para o planeta, reduzindo o consumo de matérias-primas.

Devido a essas oscilações, a profissão não é tão atrativa, agregando pessoas de baixa renda e com pouco estudo, que são marginalizadas pela sociedade devido à visão errônea que possuem do material

¹³ Para maiores informações sobre a capital Goiânia e suas estatísticas no IBGE, visite o site: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=520870>>. Acesso em: Maio de 2015.

trabalhado por eles. A cooperativa costuma ser vista como um depósito de lixo. Dona Lourdes fala sobre essa visão dos cidadãos em relação a eles com muita indignação quando pergunto se seu trabalho é reconhecido pela população:

Ainda não! Infelizmente, ainda não. Por que eu acho assim, se nosso trabalho fosse reconhecido, hoje o preconceito é muito grande sobre a coleta seletiva. Eles acham que a gente é, até hoje se abrir uma cooperativa a população não aceita, tem que fazer impacto de vizinhança, sabe, eles não aceitam, eles acham que a gente trabalha com lixo. Mas porque que a gente trabalha com lixo? Por causa deles mesmos que não fazem a separação adequada. Porque o nosso intuito não é trabalhar com lixo, é trabalhar com material reciclável. Lixo é aquilo que você não aproveita pra nada! E o material reciclável não, além de você aproveitar, tá dando salário para as pessoas e tá limpando o meio ambiente. Agora, pra você fazer as pessoas ter consciência disso é que é o difícil. Não tem uma divulgação na televisão da importância da reciclagem para as pessoas fazerem uma separação adequada (informação verbal).

Lixo é uma expressão que não cabe no mundo em que vivemos hoje (se é que um dia deveria ter tido espaço), uma vez que indica algo que não tem mais utilidade e essa designação é associada àqueles trabalhadores. O termo deve ser alterado no vocabulário da população brasileira: “a palavra lixo, que é associada a qualquer coisa imprestável, nociva e que não tem valor, passa a ser substituída por resíduo” (ZANIN; MANCINI, 2004, p. 18).

Por causa dos preconceitos que Dona Lourdes relata em sua fala, percebi que os integrantes da COOPERMAS acabam se fechando para a sociedade que os marginaliza. Dessa forma, “a retirada social pode ser resultado de diferentes razões, pessoais e interpessoais, entre as quais estão abrangidos o medo e a ansiedade social, a agressividade e até a preferência pela solidão” (FERREIRA, 2012, p. 5). Esse bloqueio criado não é uma espessa casca protetiva, mas os afasta da vizinhança do Conjunto Vera Cruz I e faz com

que vejam as aproximações com certa desconfiança. Os cooperados são bastante unidos e defendem seus ideais e modo de vida, ganhar a confiança deles foi o processo mais difícil e longo dessa caminhada.

Os anticorpos sociais

A cooperativa é composta por pessoas com histórias diferentes, algumas naturais do estado de Goiás, outras vindas de diversos estados, procurando uma oportunidade de vida melhor, mas que têm em comum o desejo de ver a cooperativa como o local de sustento de seus lares. São trabalhadores que labutam pesado na rotina da COOPERMAS e dão vida àquele local num fluxo contínuo de uma ação defensiva no seio de nossa mãe, Gaia. Devido a grande rotatividade que cerca a profissão, os cooperados aqui descritos são os que acompanharam e/ou participaram deste caminhar em algum momento.



Maria de Lourdes Moreira Soares

(Dona Lourdes)

67 anos

=> Nasceu em Goiás;

=> Entrou na cooperativa em 1999;

=> Mora no Jardim do Cerrado;

=> Mãe de Taty e Líder dos cooperados.



Tatianny Moreira Soares (Taty)

31 anos

- => Nascida em Goiás;
- => Entrou na cooperativa em 2002;
- => Mora no Conjunto Vera Cruz I;
- => Filha de Dona Lourdes.



Alexandre Ribeiro

27 anos

- => Nascido em Goiás;
- => Entrou na cooperativa em 2013;
- => Mora dentro da cooperativa/Conjunto Vera Cruz I.



Lélia Souza da Silva (Irmã)

31 anos

- => Nascida no Pará;
- => Entrou na cooperativa em 2013;
- => Mora no Conjunto Vera Cruz I.



Adriano Soares da Silva (Doidêra)

31 anos

=> Nascido em Goiás;

=> Entrou na cooperativa em 2014;

=> Mora no Jardim Petrópolis.



Antônia Maria de Farias (Gerla)

38 anos

=> Nascida em Goiás;

=> Entrou na cooperativa em 2009;

=> Mora no Conjunto Vera Cruz I.



Vera Lúcia Rodrigues Pereira (Dona Vera)

67 anos

=> Nascida em Goiás;

=> Entrou na cooperativa em 2004;

=> Mora no Tremendão;

=> Irmã de Luçivar.



Lucivar Rodrigues de Oliveira

59 anos

=> Nascida em Goiás;

=> Entrou na cooperativa em 2004;

=> Mora no Jardim do Cerrado;

=> Irmã de Dona Vera.



Selma Davi Ramos

39 anos

=> Nascida no Maranhão;

=> Entrou na cooperativa em 2011;

=> Mora no Conjunto Vera Cruz I.



Nilma Ribeiro Alves (Fia)

28 anos

=> Nascida em Goiás;

=> Entrou na cooperativa em 2013;

=> Mora no Jardim do Cerrado.



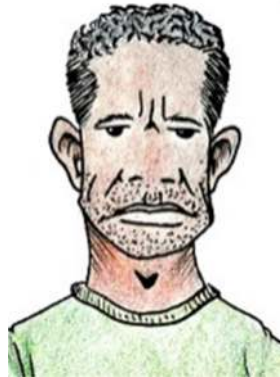
Carlos Silva

38 anos

=> Nascido no Maranhão;

=> Entrou na cooperativa em 2009;

=> Mora no Jardim do Cerrado.



Leonardo Camargo (Cara de cavalo)

43 anos

=> Nascido em Mato Grosso;

=> Entrou na cooperativa em 2012;

=> Mora no Balneário Meia Ponte.



Zinho da Silva

42 anos

=> Nascido no Maranhão;

=> Entrou na cooperativa em 2008;

=> Mora dentro da cooperativa/Conjunto Vera Cruz I.

O GERMINAR DA CONEXÃO

Ao entrar no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG, não conhecia profundamente o espaço da cooperativa em que iria trabalhar durante alguns meses, pois, apesar de ter um olhar curioso quanto à dinâmica daquele local, faltava um estopim que me movesse para a construção relacional desenvolvida neste projeto. Refletir com agentes importantes no sistema em que vivemos me possibilitou ver horizontes conectivos diferentes dos pretendidos inicialmente pela pesquisa, surgindo novos objetivos à medida que a semente brotava da terra. O combustível de todo o processo foi justamente a experiência que era construída a cada dia dentro da cooperativa, passo a passo, em descobertas constantes, que mudaram a forma de ver a atuação do projeto artístico “Simbiose”. Quem são e como agem os anticorpos que tanto procurava? As respostas foram surgindo a partir do primeiro contato que tive com eles.

Conhecendo a COOPERMAS: a construção das relações mútuas

Ao entrar em contato com a COOPERMAS pela primeira vez, minha principal preocupação foi criar uma situação que possibilitasse a quebra dos formalismos de um encontro inicial e, assim, abrir espaço para novos contatos. Como nenhuma relação prévia havia sido estabelecida com a cooperativa na fase de planejamento deste projeto, os medos de não ser bem recebido eram latentes, pois nem ao menos uma ação definida havia sido cogitada para apresentar a eles, já que isso dependeria do contato com os profissionais daquele local. Será que eles aceitarão participar da proposta? Permitirão minhas visitas com frequência?

Terão tempo e, principalmente, disposição para participar do trabalho? Os medos existiam, entretanto, essa obscuridade que ronda os caminhos na execução de uma proposta artística compartilhada, desenvolvida em comunidade, não é realmente um empecilho, mas, sim, o motor para que o artista procure novos meios para o desenvolvimento de seu trabalho (LANCRI, 2002).

A primeira visita à cooperativa aconteceu no início do segundo semestre de 2014. Adentrando o espaço de trabalho dos cooperados, olhares desconfiados me atravessaram como se fossem lâminas. O que havia por trás da voracidade daqueles olhos? Inicialmente não compreendia, mas, futuramente, entenderia o porquê dessa carga. Naquele momento não consegui um contato efetivo com os trabalhadores, nenhum deles se dispôs a falar comigo, já que infelizmente naquele dia a líder que os representa não se encontrava na COOPERMAS e somente essa representante falaria com pessoas desconhecidas para dar informações sobre aquele local. Apesar dos estranhamentos aumentarem os temores dentro de mim, não poderia deixar de continuar tentando uma aproximação, pois é normal que o primeiro contato seja mais rígido e difícil. A casca protetiva da qual eles se revestem poderia ser rompida aos poucos, com perseverança e simpatia.

Na segunda visita tive oportunidade de conhecer a pessoa que estava a frente da liderança daquele grupo, que para minha surpresa era uma senhora com aparência meiga e fala dócil, que se dispôs a mostrar a cooperativa para mim, já apresentada neste texto como Dona Lourdes (Figura 04). À medida que passávamos pelos espaços da cooperativa, ela me explicava cada processo e cada material que era trabalhado, mas, ainda assim, demonstrava certa apreensão com minha presença no local e sempre questionava o interesse de minha aproximação. Também notei que, mesmo realizando um diálogo tranquilo com ela, os olhares dos trabalhadores ainda me observavam com certo temor, suas expressões não esboçavam qualquer reação amigável.



FIGURA 04 – Fotografia de Dona Lourdes, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

Após a apresentação do espaço, expliquei-lhe a proposta do projeto artístico “Simbiose”, que estava vinculado à Faculdade de Artes Visuais da UFG, e que havia o interesse de atuar naquele espaço e com os profissionais que ali trabalhavam. Apresentando-me como aluno da universidade, nessas negociações iniciais consegui ganhar um pouco da confiança da líder do grupo, mesmo que, nessa época, eu ainda não tivesse o conhecimento do trabalho que a universidade realiza na cooperativa por intermédio da Incubadora Social. Posteriormente, Dona Lourdes permitiu que eu frequentasse a cooperativa justamente pelo vínculo que tenho com a Universidade Federal de Goiás e estipulou que eu poderia visitar a cooperativa por cerca de uma hora, todas as segundas-feiras, a partir das 8 horas da manhã, para que não atrapalhasse o andamento das atividades do local. Com esse convívio seria possível me aproximar aos poucos dos cooperados,

compreender suas práticas cotidianas, conhecer suas histórias, registrar a rotina da COOPERMAS por meio de fotografias e elaborar uma ação artística que dialogasse com os trabalhadores.

Ao longo de pouco mais de três meses, me inseri no fluxo da dinâmica rotineira da cooperativa, que no início ainda apresentava resistências em relação à minha aproximação/presença, principalmente entre os homens. Essas distâncias mantidas por alguns seriam uma maneira deles se sentirem seguros perante aquele corpo estranho ou existia algo a mais que eu ainda não havia compreendido? Não quis forçar relações abruptas, elas deveriam acontecer naturalmente, para que aos poucos eu fosse acolhido ao grupo e incorporado ao local, podendo partilhar das experiências de cada um. Com o passar do tempo, a COOPERMAS deixou de ser para mim apenas um “espaço”, onde seria realizada uma proposta artística tornando-se um “lugar”. O professor chinês Yu-Fu Tuan (1983, p. 4), para um melhor entendimento, explica a diferença entre espaço e lugar:

Os lugares são centros aos quais atribuímos valor [...] O significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. As idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa.

Esse lugar onde realizamos uma pausa, refletindo sobre nossas práticas cotidianas e atribuindo valores emocionais através do convívio, ganha importância em nossas vidas, e a cooperativa, aos poucos, foi fazendo parte de minha vida, assim como, percebi que passava a fazer parte dela, pois partilhávamos de um

mesmo fluxo de energia. Em meus registros, realizados como coleta de dados para esta pesquisa, a rotina dos trabalhadores se misturava com os materiais recicláveis que eram manipulados na triagem (Figura 05).



FIGURA 05 – Registros da rotina da COOPERMAS, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

Ao mesmo tempo em que eu me fixava na COOPERMAS, percebi que outras pessoas também buscavam realizar o mesmo processo de criar raízes naquele espaço, pois, conhecendo melhor alguns cooperados, percebi que muitos estão deslocados de seus lugares de origem, tentando buscar uma vida mais tranquila em Goiânia. É significativa a rotatividade dos cooperados que ali participam devido aos problemas apontados por Dona Lourdes, o que acaba resultando em uma instabilidade da profissão, deixando a minha inserção naquele lugar mais complexa, ou seja, minha passagem pela cooperativa – com intuito de estabelecer ramificações relacionais com os trabalhadores – não enraizava, pois as relações dificilmente se aprofundavam. “A noção de pertencer a um lugar tornou-se particularmente complexa no mundo contemporâneo. Grande parte da população [...] nem chega a estabelecer uma relação contínua com um lugar” (TRAQUINO, 2010, p. 63).

Após pouco mais de três meses de visitas e convívio, me aproximei mais efetivamente e afetivamente de um grupo de oito mulheres da cooperativa, que se interessaram em participar do projeto “Simbiose”: Antônia Maria de Farias (conhecida entre os cooperados por Gerla); Lélia Souza da Silva (conhecida entre os demais como Irmã); Vera Lucia Rodrigues Pereira (conhecida como Dona Vera); Lucivar Rodrigues de Oliveira (irmã de Dona Vera); Nilma Ribeiro Alves (conhecida como Fia); Selma Davi Ramos; Tatiany Moreira Soares (conhecida como Taty e filha de Dona Lourdes); e a líder Maria de Lourdes Moreira Soares (Figura 06).



FIGURA 06 – (da esquerda para direita/de cima para baixo) Gerla, Lélia, Dona Vera, Lucivar, Nilma, Selma, Taty e Dona Lourdes, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

A casca protetiva foi se rompendo aos poucos após esse pequeno tempo de convívio, e um novo processo, junto a esse grupo, começou a se aprofundar, tecendo reflexões sobre eles mesmos no contexto sociocultural de nossa cidade. O fazer artístico entraria como o catalizador das percepções que trabalharíamos a seguir, mas surgiria a partir dos diálogos e trocas perceptivas que aconteceriam entre nós. “A arte continua sendo uma necessidade para os homens, caminho essencial de conhecimento e realização da vida” (OSTROWER, 1996, p. 19). Ainda não havia a escolha da linguagem a ser trabalhada e dos encaminhamentos dos frutos dessas atividades, pois a construção desse caminho se daria passo a passo.

O desenrolar simbiótico

Encontrar as participantes e definir o grupo de trabalho do projeto “Simbiose” não simplificou o desenvolvimento da pesquisa. Para começar, formulei um questionário com algumas perguntas norteadoras e, a partir delas, poderia desenvolver uma entrevista em forma de um diálogo descontraído. Elaborar um princípio de atividade para as integrantes não foi o problema, a dificuldade foi o pouco tempo das cooperadas¹⁴. Como por em prática uma ação sendo que o período que tinha disponível para frequentar a COOPERMAS era muito pequeno? Primeiramente imaginei realizar encontros aos sábados, já que o expediente da cooperativa é de segunda a sexta, mas não encontrei apoio em Dona Lourdes para tal feito, mesmo propondo reuniões quinzenais, sempre havia um empecilho colocado por ela. Executar um encontro com o grupo no dia em que costumava fazer minha inserção também não seria possível, já que era um período em que as atividades da cooperativa estavam em pleno vapor, e uma das condições que me foram impostas ao ter a permissão de frequentar o ambiente era a de não atrapalhar o desenvolvimento do trabalho dos cooperados. Tentei insistir por um tempo na possibilidade de encontros fora do local e horário de trabalho, mas não obtive êxito e comecei a sentir que o processo poderia incomodá-los caso a rotina deles fosse alterada. As negociações não ocorriam com todas as integrantes, e sem o aval de Dona Lourdes, nada aconteceria.

Outras possibilidades também foram propostas como: encontros depois do final do expediente, trinta minutos antes do encerramento das atividades da cooperativa ou próximo ao horário do almoço, mas

¹⁴ Devido ao grupo ser formado somente por mulheres, o uso da palavra no feminino estará se referindo apenas às participantes iniciais do projeto, já quando a palavra aparecer no masculino estará se referindo a todos os trabalhadores da cooperativa. Isso até o momento que houver a integração e participação dos homens na proposta.

nenhuma de minhas alternativas foi aceita por Dona Lourdes. Nesse momento, senti que a pesquisa poderia se perder, pois não conseguia enxergar de fato um caminho para sair dessa situação. Como encontrar uma solução para esse empecilho? Encontrava-me em meio à escuridão. Mas, quando “conseguimos visualizar o meio como um ponto zero, isto é, lugar de início dos riscos inevitáveis e motivadores de cada pesquisa, já obtemos um efetivo andar” (LANCRI, 2002, p. 14). Já que minhas alternativas não foram aceitas, solicitei a Dona Lourdes que fizesse a proposta em relação a um horário para que as atividades da “Simbiose” pudessem, enfim, caminhar. Ela não disponibilizou um horário oficial para o projeto dentro do expediente, mas comentou que alguns trabalhadores costumavam chegar mais cedo na cooperativa para tomar café da manhã antes do início das atividades e, que nesse momento, eu poderia vir conversar com eles, desde que os diálogos não adentrassem o horário de trabalho da COOPERMAS. Apesar do momento que estive junto aos cooperados, percebi que a confiança deles não havia sido ganha totalmente e o processo para estabelecer uma relação confiável era contínuo e exigia perseverança, pois a desconfiança deles sobre mim ou mesmo quanto ao projeto não poderia se manter.

Com as negociações de tempo e disponibilidade acertadas, o caminho ficou livre para a execução do planejamento das atividades da “Simbiose”, começando com uma entrevista menos formal que a anterior, realizada com Dona Lourdes, como um bate-papo para entender melhor quem são as cooperadas que participariam do projeto e, assim, construir um diagnóstico social e cultural delas. Os pontos abordados foram: local de moradia (são realmente do Conjunto Vera Cruz I ou de outro bairro?); a COOPERMAS (qual é a história de cada uma lá dentro?); práticas pertinentes à profissão (o que fazem na cooperativa e qual sua função lá dentro?); impressões intimistas sobre seu trabalho (quais eram as contribuições de suas atividades para o individual, coletivo e ambiental?); condições trabalhistas (o que pode ser melhorado na profissão?);

relações sociais da vizinhança para com a cooperativa (como achavam que eram vistas pela comunidade do bairro?).

Mesmo com o andamento das entrevistas, a situação não se simplificou, como o encontro acontecia informalmente (sem um espaço e horário fixo para o projeto), muitas visitas não rendiam dados para a pesquisa devido à inconstância da presença das participantes, que em uma semana estavam no local cerca trinta minutos antes do início dos trabalhos da cooperativa, podendo, assim, acontecer a entrevista, em outra chegavam muito próximo do início de expediente, impossibilitando a realização de qualquer diálogo. Outro fator que dificultava era a falta de reunião do grupo, que, nessa etapa do desenvolvimento da “Simbiose”, nunca aconteceu; as conversas costumavam ser individuais ou, no máximo, em dupla.

Percebi que à medida que os encontros aconteciam, as cooperadas iam se aproximando mais e foram quebrando a barreira que se criou anteriormente pela presença de um corpo estranho no recinto. Dona Lourdes permitiu minha presença em mais dois dias, além das segundas-feiras que costumava ir, destarte, terças e quartas também se tornaram períodos produtivos dentro do projeto e, aos poucos, a confiança foi sendo estabelecida e a proposta acabou ganhando mais tempo, gerando mais interesse das participantes. Nas quintas e sextas era proibido meu comparecimento em qualquer horário, já que o volume de trabalho é maior nesses dias da semana devido à distribuição dos materiais reciclados, separados e compactados para as empresas de reciclagem da cidade, bem como, por ser a sexta o dia em que os pagamentos são realizados. Passo a passo, a “Simbiose” acontecia na COOPERMAS e as relações mútuas se estabeleciam.

Com as entrevistas pude realizar um diagnóstico social e cultural dessas participantes, assim como conhecê-las melhor. Selma era a mais calada do grupo e não participou tanto das etapas de desenvolvimento do projeto, a timidez atrapalhava nas entrevistas dificultando sua comunicação, sabe-se que ela reside no

Conjunto Vera Cruz I e está na COOPERMAS somente para seu próprio sustento. Ao contrário da Taty, que também reside no bairro e é filha de Dona Lourdes. Ela apresenta um conhecimento ambiental forte, que se mescla com a consciência da necessidade de seu labor para o sustento de sua família, como visto em um trecho de sua entrevista¹⁵:

É um trabalho muito eficiente. Além da gente tá ganhando em cima do material que vem tá ajudando a limpar também. O ser humano tem que ter consciência, já pensou daqui uns 50 anos se isso aqui não fosse reciclado, pra onde que ia isso? Eu acho que a importância é geral. Eu mesmo, é daqui que eu tiro meu sustento. [...] Você separa o lixo da sua casa? Eu separo! Porque eu tenho essa consciência que eu preciso daquilo. Então se a maioria das pessoas mesmo não trabalhando aqui tivesse essa consciência, talvez hoje não teria aí 60% de material de rejeito¹⁶, que infelizmente tem (informação verbal).

Outra cooperada é Lélia, chamada pelos colegas de Irmã, que veio do Pará para tentar a vida em Goiânia e mora no Conjunto Vera Cruz I. Em sua terra natal nunca havia pensado nos resíduos como algo a ser valorizado: “Antes de eu trabalhar aqui achava que o lixo não tinha muito valor. Depois que eu comecei a trabalhar, eu acho que tem valor. Muitas pessoas jogam fora e não acham que tem valor pra eles mesmos” (informação verbal)¹⁷. O fato de estar fora de seu lugar de origem faz com que ela sinta dificuldade em se manter na cooperativa, já que mora de aluguel e sua renda não está prosperando devido à crise financeira que abala a capital (explicada anteriormente), o que a deixa pensativa sobre a possibilidade de retornar para sua cidade, já que lá possui família e um abrigo.

¹⁵ As entrevistas com Tatiany Moreira Soares, aqui citadas, foram realizadas em novembro de 2014. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice B – entrevistas.

¹⁶ Material de rejeito é tudo aquilo que não é reciclável, mas, ainda assim, é enviado para a coleta seletiva, como, por exemplo, materiais orgânicos.

¹⁷ As entrevistas com Lélia Souza da Silva, aqui citadas, foram realizadas em novembro de 2014. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice B – entrevistas.

A participante Gerla, que também reside no Conjunto Vera Cruz I, sente as mesmas dificuldades financeiras que os demais, pois tinha uma renda que girava em torno de mil e quinhentos reais e passou para uma média de novecentos reais, o que abala qualquer planejamento financeiro familiar. Mesmo problema enfrentado pela cooperada Nilma, com três filhas e mãe solteira, moradora do bairro Jardim do Cerrado (local não muito distante do Conjunto Vera Cruz I). Ela vê a importância que a reciclagem tem para as cooperativas existentes na região metropolitana da capital: “Eu acho importante saber separar o material. Eu não sabia. Muita gente entende como lixo né, e é muito importante saber separar o material” (informação verbal)¹⁸.

Nem todos na cooperativa têm pensamentos sustentáveis do ponto de vista ambiental. As irmãs Lucivar e Dona Vera, por exemplo, estão trabalhando na COOPERMAS como forma de passar o tempo, como afirma Lucivar: “Eu não gosto de ficar em casa sozinha, aí eu venho pra cá trabalhar para passar o dia. Eu acho bom trabalhar aqui. A gente acha muita coisa boa. Ajuda muito em casa” (informação verbal)¹⁹. O discurso de preocupação com o meio ambiente até existe, mas claramente não é o foco delas na cooperativa, já que são pessoas de mais idade, que moram longe e se sentem sozinhas no dia a dia. O oposto dessa perspectiva é Dona Lourdes, aguerrida, ela carrega o fardo de ser o escudo e a lança da cooperativa, além de ter o trabalho de reciclagem como um sustento, o vê como um ato de extrema importância na sociedade em que vivemos, considerando-se acima de um médico, como percebido em uma de suas falas:

Eu, pra mim é o mais importante que inventaram até hoje no planeta é a reciclagem. Pra você ver, quantas e quantas toneladas não se tirou do meio ambiente. Mesmo assim ainda vai, mas são 14

¹⁸As entrevistas com Nilma Ribeiro Alves, aqui citadas, foram realizadas em novembro de 2014. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice B – entrevistas.

¹⁹As entrevistas com Lucivar Rodrigues de Oliveira, aqui citadas, foram realizadas em novembro de 2014. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice B – entrevistas.

cooperativas aqui dentro de Goiânia hoje. Se não tivesse essas cooperativas para onde iria esse material? A gente faz uma limpeza, mas uma limpeza assim muito grande. Uma pet dessa aí debaixo da terra são 400 anos para se desfazer. Porque que hoje tem tanta doença? Tudo é a gente mesmo que provoca as doenças. Se parar pra pensar vê que é a gente próprio que tá contaminando o meio ambiente, e tudo que vai para o meio ambiente você está respirando. Eu me considero mais, assim, do que um médico, sabe. Porque o médico trata da gente, da população, com drogas, esses remédio forte. Nós não! Estamos devolvendo uma saúde saudável né. Porque muitas vezes as pessoas não dá importância, mas é muito importante, porque quantas toneladas [de resíduos] a gente não tira do meio ambiente. Muitas vezes as pessoas não vê, não sabe o significado, não sente. E a população não tem consciência disso, porque se tivesse faria sua parte (informação verbal)²⁰.

Após o término das entrevistas, uma atividade deveria vir para estimulá-las a continuar no projeto e, assim, começar a definir a ação dentro do campo das artes. Observando o espaço da cooperativa e os registros que havia realizado no tempo que estive naquele local, percebi que há muitas pichações realizadas por eles mesmos nas paredes, escritos que demonstram o desejo de deixar sua marca visual naquele lugar, estabelecendo o vínculo afetivo que os cooperados têm em relação à COOPERMAS (Figuras 07, 08 e 09).

²⁰ As entrevistas com Maria de Lourdes Moreira Soares, aqui citadas, foram realizadas em novembro de 2014. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice B – entrevistas.



FIGURA 07 – Registros da COOPERMAS, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

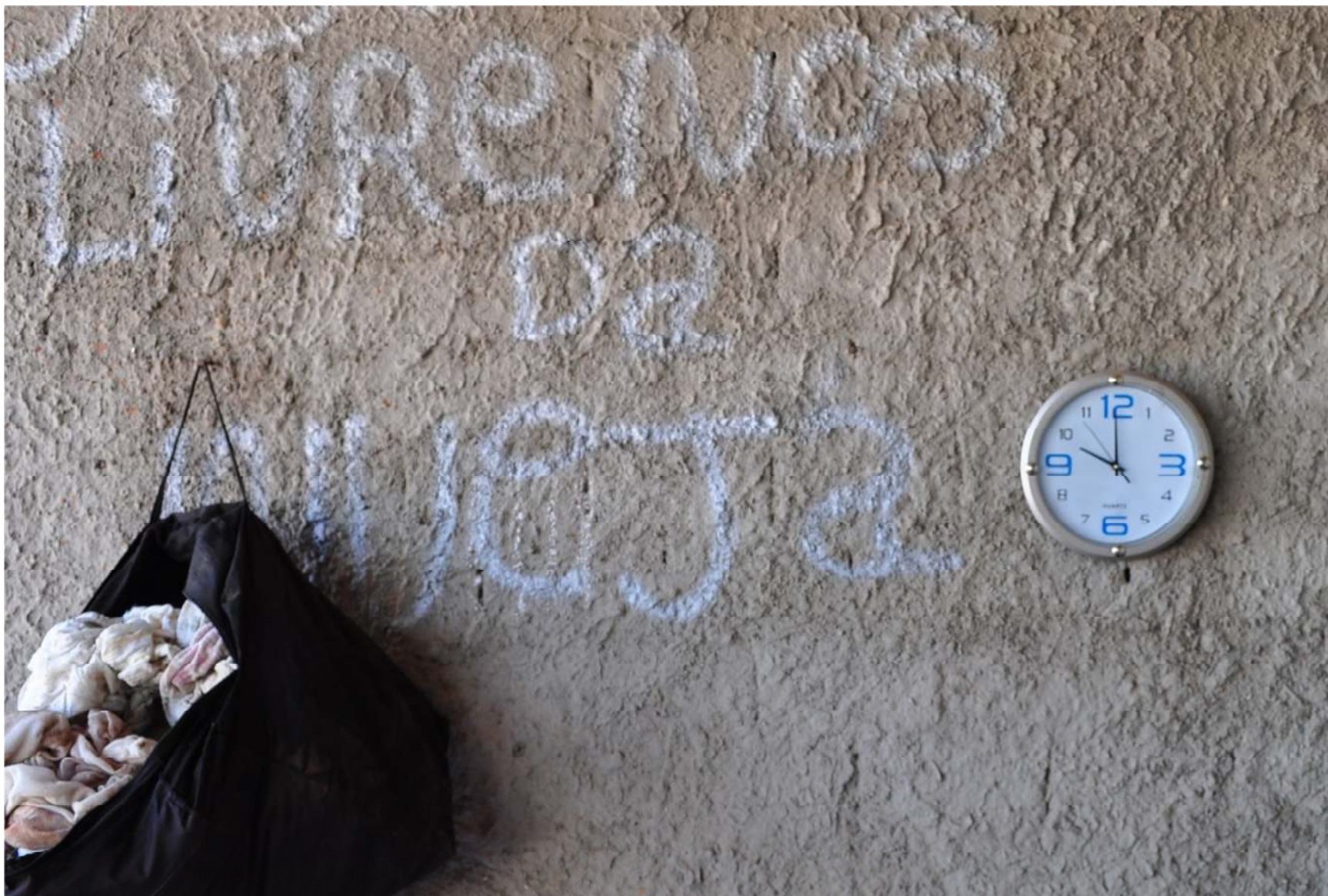


FIGURA 08 – Registros da COOPERMAS, 2014. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 09 – Registros da COOPERMAS, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

As apropriações do espaço são formas imagéticas “da comunicação artística que constitui o motivo concreto da arte ser tão acessível e não exigir a erudição das pessoas para ser entendida. Exige inteligência, sim, e sempre sensibilidade” (OSTROWER, 1996, p. 23). A imagem é usada em nosso dia a dia, nas mais diversas formas de comunicação, não nos atemos de forma reflexiva e consciente o quanto ela está presente em nosso cotidiano, suas formas e cores trazem acessibilidade e poder emancipador aos espectadores, pois são de fácil identificação e criam relações rápidas com eles, não caminhando para significações pré-determinadas. As marcas deixadas pelos cooperados são resíduos imagéticos, ícones de sua presença. A presença icônica se dá quando aquele vestígio deixado por determinada imagem substitui a presença corporal de determinado objeto ou pessoa (MOXEY, 2009). Dessa forma, como trazer o desejo visual dos cooperados para o projeto?

O desenho, por ser uma das linguagens mais antigas do mundo das Artes Visuais e poder exprimir uma visualidade sem muitas complicações técnicas, se adequou melhor nesse momento da pesquisa. Traçando um paralelo com as marcas dos cooperados nas paredes, podemos perceber que há certo desejo de expressão visual latente neles, portanto, usar essa linguagem que é conhecida em praticamente todo o canto do planeta, mesmo pelo mais leigo, foi a ponte que usei para trazer as participantes do projeto para aproximações no campo das artes. O intuito não era trabalhar o desenho como processo pedagógico, ou seja, não atuaria como um docente para ensinar técnicas de desenho às cooperadas, a relação professor e aluno não poderia se instaurar, já que não era o objetivo do projeto “Simbiose”. A proposta da atividade seria trazer para o campo imagético as percepções desses sujeitos, realizadas nos diálogos das entrevistas, para compreender melhor as significações que se fazem na consciência do indivíduo, pois “desenvolver a capacidade de desenhar passa primeiro de tudo pela autoafirmação de que são convincentes os sentidos que

vêm à consciência por este ato, por este recorte que assim se fez do mundo. Desenhar, portanto, antes de ser uma capacidade de expressão, é um ato de consciência” (RESENDE, 2007, p.45). Fayga Ostrower (1996, p. 27), importante artista plástica naturalizada brasileira, enfatiza sobre a importância e o uso do desenho em nosso dia a dia, dizendo que “todos nós dispomos da potencialidade dessa linguagem e, sem nos darmos conta disso, usamos seus elementos com a maior espontaneidade ao nos comunicarmos uns com os outros”.

Devido ao tempo curto, optei por apenas orientar o grupo quanto à atividade, porque elaborar um desenho dentro da cooperativa, com minutos para iniciar o expediente de trabalho, não daria às cooperadas um tempo de reflexão e imersão na prática, prejudicando a imagem que seria produzida por elas. Outro ponto que tive que me preocupar foi com a relação artista/público, pois isso poderia criar uma distância entre as participantes do projeto e eu, já que, talvez, elas poderiam me colocar em um status diferenciado do delas, inibindo sua criatividade. Portanto, não mostrei produções minhas como exemplo para as cooperadas, seja no desenho ou em qualquer outra linguagem, para que elas não se transformassem em um público de meu processo artístico individual. O objetivo do trabalho era que criássemos um processo em conjunto, estava ali como proponente e catalisador das atividades. Assim, organizei pastas contendo papéis, lápis de cor, giz de cera, canetas hidrocor, lápis grafite, borrachas e apontadores, no intuito de deixar as participantes do projeto confortáveis com a variedade de opções que teriam para poder realizar a produção imagética.

No momento da entrega das pastas, infelizmente, notei que algumas não se sentiram confortáveis com a proposta e questionamentos começaram a surgir sobre os propósitos que a atividade teria. A dúvida é uma qualidade do ser humano que caracteriza sua consciência diante dos fatos da vida e marca sua busca pela compreensão. Não quis deixar as cooperadas coagidas a realizar os desenhos (e nem era minha intenção), até porque as participantes deveriam se sentir à vontade para ir e vir dentro do desenvolvimento da pesquisa,

apenas enfatizei a importância de se expressar através de outro meio além da fala, ou seja, além dos depoimentos realizados na entrevista, pois detalhes que não surgem na palavra dita poderiam aparecer na imagem trabalhada a partir de suas reflexões. Para atenuar as preocupações das participantes utilizei-me da fala de Fayga Ostrower (1996, p. 27), que se deparou diante da mesma problemática num curso que ministrou em uma fábrica de encadernação do Rio de Janeiro²¹, na década de 70:

Lembrei apenas que a minha intenção era transmitir certos conhecimentos e que todos os conhecimentos que possamos adquirir revertem, em última análise, em nosso próprio benefício, uma vez que nos enriquecem espiritualmente e até, às vezes, materialmente.

Passado algumas semanas tive a devolutiva das pastas com os desenhos. Mesmo dialogando sobre a importância da participação e que todo o conhecimento enriquece-nos de alguma forma, três integrantes do grupo não se sentiram confortáveis com a atividade, deixando de realizar a produção imagética: Selma, Taty e Dona Lourdes. “Mais importante que a quantidade de integrantes, trabalhar em grupo pressupõe considerar a qualidade das formas de diálogo e de relação entre seus participantes, de acordo com a intensidade dos laços que os unem” (MESQUITA, 2008, p. 51). Mesmo que nem todas as participantes tenham desenvolvido os desenhos, a contribuição delas foi superior a essa etapa do projeto, já que todas as interações, reflexões e diálogos que se instauraram ao longo dos meses, agregaram valor a todo o processo desenvolvido na “Simbiose”. Os desenhos das cooperadas são ricos em cores e detalhes, algumas até optaram por realizar mais de uma produção visual, como Gerla, que desenhou quatro imagens (Figuras 07, 08, 09 e 10) e Dona

²¹ Para maiores detalhes do curso ministrado por Fayga Ostrower, ler: OSTROWER, Fayga. Universos da arte. 10.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

Vera, que desenhou três (Figuras 11, 12 e 13). Em suas visualidades podemos ver que o caminhão da coleta seletiva é bastante lembrado, delineando a importância que essa ferramenta do município tem na rotina dos cooperados, como visto também na produção de Nilma (Figura 14). Já Lélia (Figura 15) optou por mostrar a rotina dentro da cooperativa, desenhando seus colegas de trabalho, assim como Lucivar (Figuras 16 e 17), que também apresenta a mesa de triagem em que trabalha.



FIGURA 10 – Desenho realizado por Gerla, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

A fachada gradeada da cooperativa toma grande parte da composição, como uma proteção contra quem está do lado de fora daquele espaço, mas mesmo as grades sendo altas pode-se ver a sede e caixas de papelão ao fundo. Seria essa proteção uma subjetividade para as relações com a vizinhança?



FIGURA 11 – Desenho realizado por Gerla, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

A praça mostrada no desenho é próxima à cooperativa, mas a realidade é diferente da desenhada por Gerla, pois é um local praticamente abandonado. Ela propõe um espaço de lazer limpo, com uma bela paisagem e lixeiras para coleta seletiva, o que demonstra que o trabalho de reciclagem para ela vai além do sustento próprio.



FIGURA 12 – Desenho realizado por Gerla, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

O interessante na composição é a clara relação entre a coleta seletiva e o bem estar do meio ambiente, apresentando um sol com olhos, aparentemente, felizes e uma árvore com frutos.



FIGURA 13 - Desenho realizado por Gerla, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

O caminhão da coleta seletiva mostra ser um importante elemento no sistema de reciclagem para as cooperadas, no desenho, apresentado com cores diversas, como se fosse o expresso colorido da vida. Interessante perceber também a delicadeza e o capricho ao desenhar pequenos elementos que o caminhão transporta.



FIGURA 14 – Desenho realizado por Dona Vera, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

A relação com o meio ambiente vivo e florescido é latente nas produções, e no desenho de Dona Vera vemos um desejo de que a população se eduque, adquirindo consciência ambiental, posto que vemos um ser humano entre dois espaços, sendo um reservado ao lixo comum e o outro a materiais recicláveis.



FIGURA 15 – Desenho realizado por Dona Vera, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

Dona Vera apresenta a rotina da cooperativa, com a mesa de triagem, resíduos e os latões onde o material selecionado é colocado. É curioso ver a expressão que ela colocou nos avatares que as representam e o galpão, representado com traços fortes e grossos. Essa tristeza nos rostos seria algo subjetivo ou apenas a forma que ela consegue representar com os materiais de desenho disponíveis?



FIGURA 16 – Desenho realizado por Dona Vera, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

Um desenho que não apresenta a rotina da COOPERMAS, mas claramente mostra a integração do urbano, representado pela casa, com o meio ambiente colorido e vivo.



FIGURA 17 – Desenho realizado por Nilma, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

O programa municipal de coleta seletiva é fator importantíssimo nessa engrenagem do sistema de reciclagem da cidade de Goiânia e de sua região metropolitana, aparecendo bastante nos desenhos das cooperadas. Um sistema que ainda não é aproveitado em sua plenitude. Como seria sem ele?



FIGURA 18 – Desenho realizado por Lélia, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

Lélia consegue mostrar que a vida dentro da cooperativa é árdua, mas recheada de cor e felicidade, visto nas expressões das representações deles. Um trabalho que edifica a sustentabilidade no cerne de Gaia.



FIGURA 19 – Desenho realizado por Lucivar, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

Podemos perceber no desenho de Lucivar uma clara relação do trabalho dos cooperados com os benefícios proporcionados ao meio ambiente, já que apresenta a rotina da cooperativa atrelada a uma árvore verde e florida, que não existe no espaço real da COOPERMAS.

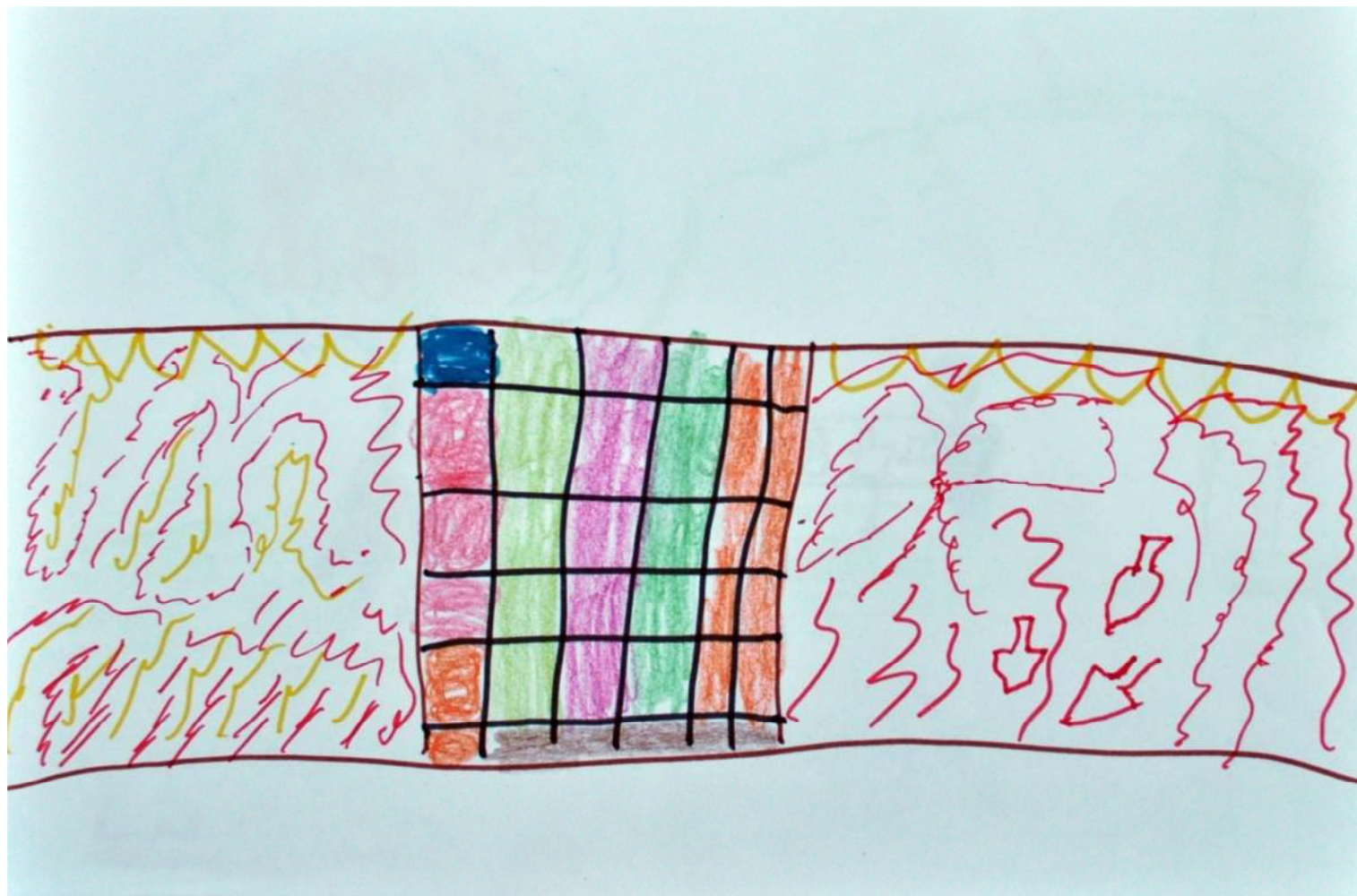


FIGURA 20 – Desenho realizado por Lucivar, 2014. Fonte: arquivo pessoal.

Apesar de ser uma imagem um tanto abstrata, essa composição representa bem uma mesa de triagem, com elementos em desordem nas bordas e ordenados no centro em suas respectivas cores.

Além da importância do caminhão do Programa Goiânia Coleta Seletiva e da rotina de trabalho apresentada, podemos ver que algumas produções também demonstram a preocupação ambiental de suas atividades, relacionadas através das árvores e vegetação que crescem próximo à cooperativa e as casas. “Devemos ressaltar também a relação do desenho, muitas vezes com a coleta que o artista faz do mundo a sua volta. Poderíamos considerá-los, nesses casos, como meio de refletir sobre a relação do sujeito com o mundo: como o artista se coloca física e psicologicamente em relação às coisas que o cercam” (SALLES, 2007, p.36). A reciclagem não é para elas apenas sua profissão e seu meio de sustento, configura-se na práxis de um modo de vida, conectadas como integrantes do tecido que recobre o planeta. A consciência coletiva que nelas flui através de sua ocupação trabalhista faz parte do fazer artístico do qual participaram neste projeto, mostrando a arte como estopim da conjunção dos seres humanos, quebrando a individualidade. “É necessário mudar essa concepção do artista isolado em si. O artista precisa se fazer necessário [...] o produto final do trabalho artístico deve ser o reflexo da minha relação com o outro” (NADOR, 2006, p. 100). O novo desafio do projeto “Simbiose” passou a ser encontrar uma forma de compartilhar as reflexões que nasciam no cerne daquele grupo para fora daquele lugar e, quem sabe, envolver a comunidade do bairro.

O muro como camada: intervenção como quebra

Com as festas de final de ano tivemos uma pausa nos encontros por cerca de 20 dias, um momento oportuno também para pensar o próximo passo da pesquisa. Como dar continuidade ao trabalho? De que forma poderia envolver os cooperados em uma produção que saísse do espaço delimitador da cooperativa?

Como podemos intervir no bairro e chamar a atenção da vizinhança? O que propor? Um dos objetivos da proposta inicial, na fase de planejamento do pré-projeto, era realizar uma ação no bairro que evidenciasse as práticas da cooperativa e conclamasse os moradores do bairro Conjunto Vera Cruz I para perceberem a importância da mudança de hábitos em relação aos resíduos do ser humano.

A ação artística nasceria da minha inserção na COOPERMAS, das relações que ali se criaram e das reflexões que tivemos em conjunto, resultando em uma produção plástica. Apesar de ter um norte, o planejamento não delimitava os trilhos que seriam seguidos, posto que a proposta se apresentou com foco no caráter processual da experiência naquele lugar, sem um roteiro definido a seguir, e que poderia se alterar conforme o andamento da pesquisa e a análise da coleta de dados. Observando a produção imagética das cooperadas, fica claro a importância que elas dão ao fazer de sua profissão. Assim, como aproveitar essa habilidade na produção plástica do projeto? O estopim da ideia era propor a realização de uma produção tridimensional com os materiais residuais que os cooperados trabalham todos os dias, retornando as atividades com algumas experimentações novas. Ao retornar para a cooperativa, uma surpresa me causou estranhamento ao lugar em que já tinha estabelecido certa afetividade: um grandioso muro cresceu nesse meio tempo e confinou os cooperados dentro daquele espaço (Figura 21). Antes, se podia ver o que acontecia dentro ou fora daquele recinto, pois era cercado por grades vazadas, depois, de ambos os lados, não se via nada além da cor cinza do concreto que cerca tanto quem está dentro, quanto afasta quem está fora. Um novo ambiente se formava ali, precisando de novas reflexões acerca do ocorrido. Que muro é esse? Por que ele surgiu de repente? O que aconteceu nesse tempo em que fiquei ausente? O que representa essa barreira cinza para os cooperados?



FIGURA 21 – Registros da COOPERMAS, 2014 e 2015. Fonte: arquivo pessoal.

Primeiramente busquei entender o porquê dessa nova camada que se instaurou diante da COOPERMAS e em conversa com o grupo participante do projeto compreendi que o problema do preconceito é mais gritante do que havia percebido nesses últimos meses de convivência naquele lugar. Durante minha ausência, os vizinhos mais próximos chamaram um grupo de reportagem de uma emissora local para reclamar do suposto lixo que existe na cooperativa, como podemos ver na fala de Dona Lourdes:

Os vizinhos já tentou várias vezes tirar a gente daqui, porque eles consideram a cooperativa como um lixão, né. Não vê como uma cooperativa e o bem que faz pra população e o bem que faz para eles próprios. No entanto, eles mesmos, os vizinhos, pegam seus lixos aí de casa e vem depositar aqui na calçada da cooperativa e chamam a reportagem ainda pra reclamar. Teve uma reportagem aqui outro dia, os vizinhos aí da frente chamou. A gente tava trabalhando e eu tô vendo a bagunça aí na frente. Os

vizinhos, reportagem. Eu fui lá, eles tavam reclamando do lixo ali fora, que é barata, que é rato e não sei o que (informação verbal)²².

O problema com os vizinhos não se instaurou nos dias de hoje, revisitando a entrevista que Dona Lourdes me concedeu inicialmente pude perceber que a visão errônea sobre a cooperativa e o preconceito já existiam. As dificuldades não se mantiveram apenas neste acontecimento, um abaixo-assinado começou a circundar o bairro, encabeçado pelos mesmos personagens que convocaram a emissora de televisão e sua equipe de reportagem. Guerreiros que são, os trabalhadores fizeram frente à investida de seus vizinhos e na mesma matéria televisiva mostraram que o lixo do qual reclamavam era depositado pelos mesmos que ali protestavam. Devido ao desgaste que ocorre durante anos, os cooperados decidiram por levantar o muro que segregou visualmente a cooperativa, pois, na visão deles, já que as pessoas não buscam conhecer os trabalhos ali realizados e quebrar seus pré-conceitos, o muro serviria como proteção. Podemos ver essa percepção na fala de Taty: “Tem muita gente que fala disso aqui sem conhecer. Falta as pessoas terem interesse em conhecer pra saber o que a gente faz. A vizinhança criava mais problema, mas depois que fez o muro parou mais²³”.

Toda guerra traz seus ferimentos, toda batalha traz a exaustão, o cansaço que abate os cooperados através dos tempos é compreensível. O muro delinea o campo de visão da cooperativa, transformando o movimento intenso que antes existia, tanto de dentro quanto de fora, em uma camada fria, cinzenta e sem movimento, ele circunscreve os ideais de proteção que aqueles trabalhadores anseiam. Ao mesmo tempo em

²² As entrevistas com Maria de Lourdes Moreira Soares, aqui citadas, foram realizadas em janeiro de 2015. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice B – entrevistas.

²³ As entrevistas com Tatianny Moreira Soares, aqui citadas, foram realizadas em janeiro de 2015. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice B – entrevistas.

que o muro isola, ele abriga, transformando-se em uma nova camada diante das variadas que existem na cidade, torna-se uma paisagem nova no bairro. Nelson Brissac Peixoto (1996, p. 10), professor no Departamento de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, contribui para essa reflexão sobre o muro em seu livro *Paisagens Urbanas*:

O olhar hoje é um embate com uma superfície que não se deixa perpassar. Cidades sem janelas, um horizonte cada vez mais espesso e concreto. Superfície que enruga, fende, descasca. Sobreposição de inúmeras camadas de material, acúmulo de coisas que se recusam a partir. Tudo é textura: o *skyline* confunde-se com a calçada; olhar para cima equivale a voltar-se para o chão. A paisagem é um muro.

Na COOPERMAS a paisagem tornou-se literalmente um muro, a demarcação de um território que nem mesmo o olhar penetra, uma camada a mais dentre as inúmeras que se constituem dentro da cidade, tornando o horizonte como um espesso reflexo das barreiras que criamos entre nós, seres humanos. Esse muro necessitava de uma reflexão, onde alguns objetivos iniciais do projeto precisavam ser revistos, posto que na fase de planejamento a ideia seria sair da cooperativa para fazer algo que envolvesse o bairro, mas novamente me encontrava tentando realizar algo macro dentro da “Simbiose”, e com o advento do muro as reflexões mudaram, pois, antes de pensar em uma ação dentro do Conjunto Vera Cruz I, foi necessário pensar a situação da COOPERMAS. Como reaproximar a cooperativa da vizinhança? Onde a arte pode atuar como ferramenta de sociabilização e conscientização? Como ajudar os cooperados nesses percalços através do fazer artístico? A cidade e suas sobreposições de camadas necessitam de uma conturbação para quebrar a rotina da mecanicidade do olhar. Se pudermos pensar o muro como camada, a intervenção pode vir como quebra, e nada melhor do que a arte para catalisar esse processo, pois uma ação, mesmo que local, pode

reverberar na comunidade. Com esses recortes, os objetivos iniciais não foram alterados, mas criaram novas ramificações:

- Pensar a situação da COOPERMAS dentro do bairro Conjunto Vera Cruz I;
- Utilizar a arte como catalizadora nas relações entre cooperativa e vizinhança;
- Intervir no muro da COOPERMAS para quebrar a distância entre cooperados e comunidade;
- Conscientizar a população do bairro sobre as práticas sustentáveis da cooperativa;
- Mostrar aos cooperados seu poder de atuação dentro da cultura que os cerca.

Como a intervenção pode ajudar neste momento do projeto? Quais discussões podem ser realizadas fora do espaço tradicional de arte? Ao sair das galerias e museus, a arte passou a usar os espaços públicos como locais para mostras e produções artísticas, seja numa área natural ou num ambiente urbano, entender o uso dos espaços como apropriação na construção dos discursos artísticos é necessário para aprofundar nas reflexões do que pode vir a ser o processo artístico do projeto “Simbiose”. As produções artísticas contemporâneas estão cada vez mais saindo da galeria para as ruas, já que o espaço deixou de ser apenas o local onde seria pendurada uma obra e passou a fazer parte do discurso (O'DOHERTY, 2002). Essas novas possibilidades expositivas e de atuação da arte são bem explicadas por Bourriaud (2009, p. 83):

A galeria é um local como os demais, um espaço imbricado num mecanismo global, um acampamento de base indispensável a qualquer expedição. Um clube, uma escola ou uma rua não são lugares melhores, são simplesmente outros lugares para mostrar a arte.

A rua, a avenida, o bairro, a cidade e todos os seus meandros possuem uma dinâmica mecanicista, esse fluxo contínuo acaba por vendar o olhar de seus transeuntes para pequenos detalhes de seu habitat, condições que frutificam visões viciosas e superficiais como a dos vizinhos da COOPERMAS. Toda a formatação que a rotina proporciona pode ter um ruído que a quebra, é neste momento que a intervenção artística se insere, ela “é uma inscrição num fluxo mais amplo e complexo que é a dinâmica urbana. Implica entender a cidade como algo em movimento” (PEIXOTO, 2002, p. 12). Uma intervenção provoca contínuas rearticulações, dando novas funções e sentidos para o local, é pontual sem pretensões de abranger o todo, causa ruído, altera a percepção, provoca, instiga, modifica. Ao se inserir no espaço, o resultado da produção artística se integra ao local, não podendo ser dissociada do mesmo, como explica Nelson Brissac Peixoto (2002, p. 18):

As relações com o lugar tornam-se um componente indissociável da obra de arte. Essa nova experiência estética substitui a contemplação de objetos autônomos deslocados do contexto por uma colocação em situação. Uma radical alteração na questão da percepção, que passa a pressupor um observador inserido no espaço engendrado pela obra. A obra como objeto se dilui diante da utilização do lugar como forma de experiência estética.

A intervenção passa a ser uma experiência que envolve o local, ela não se ajusta ao contexto em que é inserido passando despercebida, mas desestrutura e redimensiona o lugar, causando um ruído e provocando as pessoas que ali transitam. Essas contribuições nos fazem pensar que a comunidade do bairro pode ter uma relação diferente da visão superficial que é tida hoje com a cooperativa. Mudar as concepções dos vizinhos mais próximos, que são os que encabeçaram as ações contra a COOPERMAS, talvez não seja possível por causa de seus pré-conceitos arraigados, mas reverberar novas experiências estéticas com quem

é mais distante da realidade dos cooperados e, assim, contribuir para uma quebra de pensamentos formatados não é algo impossível, pois o espectador sai do ato contemplativo para um diálogo mais profundo com a intervenção. Temos uma construção de ambos, que se consuma como vivência no espaço e no tempo. “O percurso nada tem a ver com o passeio turístico contemplativo: aqui o movimento, a paralaxe traçada entre o observador e seu objeto, é constitutivo da obra e das condições da percepção” (PEIXOTO, 2002, p. 12). A reorientação da experiência perceptiva do observador visa rasgar a venda de um olhar domesticado, isso é possível por meio da arte porque o meio alterado por um ruído quebra rotinas condicionadas à mente humana. Apropriarmos-nos do muro como lugar poderá agregar valor na expansão da cooperativa em relação ao bairro, tentando romper a barreira física do local por intermédio das percepções dos transeuntes. A questão que surge agora é: como intervir no muro?

Surge a nova fachada: novos paradigmas relacionais

Com a intenção de intervir no muro da COOPERMAS como forma de ressoar as práticas sustentáveis, contribuir com a solução de problemas relacionais que surgiram entre a cooperativa e os moradores do bairro e corroborar com as reflexões levantadas em grupo nos meses anteriores, apresentei-lhes a proposta da ação artística que consistia em trazê-los para fora da cooperativa e, assim, utilizando seus desenhos, poderíamos alterar a fachada mudando a visualidade do ambiente. Tive como pretensão apresentar o muro como um local colorido, que de certo modo chamaria mais a atenção, podendo ser convidativo aos transeuntes da rua, pois o cinza do muro, frio e isolante, seria sobreposto com novas camadas de cores, aconchegantes e instigantes, que, no campo subjetivo do planejamento, poderiam quebrar os pensamentos

formatados de integrantes do bairro e, talvez, o abaixo-assinado que circulava no Conjunto Vera Cruz I poderia perder força.

Assim se pode definir o papel das intervenções que se realizam nesse campo: fazer da área uma zona de conturbação, como que tomada por um cataclisma. Intervenções que provoquem ecos, um movimento expansivo cujo efeito pode surgir de qualquer ponto. Essas intervenções não param de escapar ao traçado convencionado da cidade, inventando novas conexões, fundando novos territórios (PEIXOTO, 2002, p. 28).

Os ecos descritos por Nelson Brissac Peixoto estabelecem novas conexões que podem, de certo modo, ser úteis aos cooperados na batalha contra os preconceitos que sofrem no dia a dia, e a arte pode muito bem atuar nessa problemática, envolvendo os trabalhadores em reflexões sobre a sua situação e colocando-os de frente ao problema como seres atuantes através da produção cultural, trabalhando justamente as relações humanas que se mecanizaram. “A prática artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos” (BOURRIAUD, 2009, p. 13). Um dos objetivos do projeto “Simbiose” é que cada integrante da cooperativa possa ver que tem o poder de atuar e se expressar por meio da arte, operando na cultura como artistas, eles podem habitar “as circunstâncias dadas pelo presente para transformar o contexto de sua vida (sua relação com o mundo sensível ou conceitual) num universo duradouro” (BOURRIAUD, 2009, p. 19). A pintura do muro não só mudaria a fachada da cooperativa, mas mostraria aos cooperados que eles podem e têm o poder para atuar dentro da cultura que os circunda, usando a arte como catalisadora de processos relacionais e educacionais.

As participantes do projeto acharam a proposta boa, mas se mostraram tímidas em realizar os próprios traços no muro, pois disseram que seus desenhos eram ruins, a vergonha e o medo do julgamento de terceiros assustava as cooperadas. Mesmo tentando convencê-las de que estavam enganadas, esse pensamento era arraigado no âmago delas de uma forma que não consegui mudar, e a timidez criou um empecilho para o desenvolvimento da intervenção artística. Como sair desse impasse? Sem ver outra possibilidade na época, me ofereci para elaborar uma composição a partir das produções imagéticas que as participantes do projeto fizeram, para que com uma imagem elaborada por mim elas se sentissem mais a vontade para participar da ação artística. Mesmo pegando a responsabilidade do desenvolvimento da arte que seria realizada no muro, o processo artístico ainda era coletivo, pois a estrutura colaborativa dele não se perdia. Portanto, compreendo que Gerla, Lélia, Dona Vera, Lucivar, Nilma, Selma, Taty e Dona Lourdes eram tão coautoras quanto eu da imagem que serviria como base para a intervenção no muro.

Projetos criados por um único artista, baseados em uma complexidade de fatores que incluem níveis diversos de negociação, de envolvimento e de interesses de outros indivíduos, também podem ser descritos como um modelo colaborativo ou participativo de produção coletiva. Para este tipo de prática o artista baseia-se em situações sociais para produzir uma arte politicamente engajada. O artista torna-se um agenciador de processos de percepção crítica em colaborações com comunidades ou um grupo específico de pessoas, transformando os participantes em possíveis co-criadores e co-produtores de um projeto (MESQUITA, 2008, p. 51).

Trabalhei uma nova composição a partir de elementos que se repetiam nos desenhos das integrantes do grupo como: o caminhão da coleta seletiva, os cooperados trabalhando, a prensa mecânica, as mesas de triagem, os fardos e a relação do trabalho deles com a proteção ambiental, e assim surgiu a imagem que serviria de base para a intervenção no muro da COOPERMAS (Figura 22).

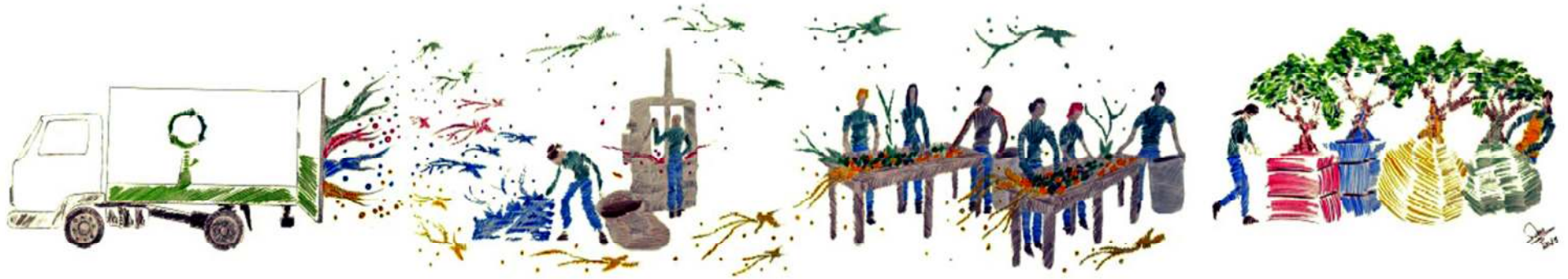


FIGURA 22 – Estudo para intervenção no muro da cooperativa, 2015. Fonte: arquivo pessoal.

Tentei apresentar imagens figurativas e com linhas simples, sem muitas elaborações técnicas, para não assustar os cooperados e facilitar sua adesão na prática artística. Adicionei como elemento apenas as borboletas nas principais cores da reciclagem, que representam a transformação dos materiais que ali são depositados. As formas figurativas e a mensagem literal se faziam necessárias diante do contexto em que a pesquisa estava acontecendo, um desenho complexo e com profundidade subjetiva não seria de fácil acesso aos cooperados e dificultaria a reflexão e aproximação dos transeuntes, não alcançando alguns objetivos da proposta do projeto. Sua importância subjetiva e construtiva para os cooperados e para a comunidade do bairro vai além de seu caráter figurativo.

Com a imagem que seria usada na intervenção pronta, o próximo passo seria instigar as cooperadas a participar da execução da ação artística. O apoio à realização da pintura do muro foi total, todos os cooperados se animaram com a proposta de mudar a visualidade da cooperativa e compreenderam os

objetivos de tal ação, mas um problema que já havia acontecido antes veio à tona novamente: a disponibilidade de tempo para a participação no projeto. Mais uma vez não havia a liberação de um momento no expediente de trabalho para acontecer a intervenção artística, algo compreensível diante da situação em que a COOPERMAS se encontrava e que já foi discutida neste texto. Sentindo que os trabalhadores passaram a ter comigo uma relação de confiança, propus novamente realizarmos a ação aos sábados, pois era o único dia onde todos estariam com disponibilidade e a pintura do muro poderia acontecer com um tempo mais amplo. Sem promessas de que viriam, tanto as participantes do projeto quanto os demais cooperados acharam coerente a proposta e com o aval deles fui à busca dos materiais para a pintura.

As primeiras possibilidades de materiais que surgiram para a realização da intervenção foram os sprays, já que o grafite é uma linguagem que se associa rapidamente a estas apropriações das camadas urbanas, muito utilizadas pelos grafiteiros para inserção de discursos críticos e reflexivos sobre o que lhes cerca, seja o assunto político, social ou cultural (LARA, 1996). Mas a arte não se prende mais apenas aos resultados estéticos gerados pelo processo do fazer artístico, pensar os materiais e os procedimentos técnicos seria de suma importância dentro dos conceitos que o projeto defende, como elucidada Sandra Rey (2004, p. 132): “desenvolver uma análise fundamentada nas fontes instauradoras do trabalho é levar em conta que os procedimentos não são apenas manipulações técnicas, são também portadores de significados”. Dessa forma, que materiais usar para a intervenção sem ferir a bandeira que levantamos em relação ao cuidado com o meio ambiente? Trazer significações para as práticas do fazer artístico no projeto “Simbiose” seria necessário para enriquecê-lo como ferramenta transformadora. Para o discurso do qual os cooperados e eu partilhávamos e gostaríamos de ressoar com a intervenção, os sprays se apresentavam desconexos do contexto, pois são elaborados com químicos que podem agredir o meio ambiente, como o

clorofluorcarbono (CFC) (IBAMA, 2008). Portanto, com essas reflexões, resolvi utilizar tintas à base de água para poder realizar a ação artística na COOPERMAS, pois a preocupação sustentável no desenvolvimento da proposta não poderia deixar de ser um dos objetivos da pesquisa, posto que é uma característica forte de suas práticas.

Semanas se passavam e ninguém aparecia aos sábados, os discursos das participantes eram sempre os mesmos em relação à ausência no dia marcado: ora era a falta de tempo ou o esquecimento, ora eram as intempéries climáticas ou compromissos. Evitei iniciar as atividades, pois ainda tinha a esperança de ter a participação dos cooperados na pintura do muro, mas conforme os dias, semanas e até alguns meses se passavam, as angústias e temores em relação ao tempo da pesquisa me preocupavam. Infelizmente, as burocracias reduziam minhas estratégias para instigar os trabalhadores a intervir no muro em um de seus dias de folga, pois o tempo se tornava cada vez mais escasso. Como forma de dar continuidade nas atividades do projeto e, quem sabe, na expectativa de estimular a participação do grupo ou de todos os cooperados, iniciei a pintura da base branca do muro (Figura 23) e comecei a riscar o desenho com lápis (Figura 24), pois talvez com a visualização dos encaminhamentos da prática artística eles se interessariam em compartilhar desses momentos.



FIGURA 23 – Registros da pintura do muro. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 24 – Registros do desenho no muro. Fonte: arquivo pessoal.

Mesmo com um vislumbre de esperança, já que um dos homens da cooperativa me ajudou a pintar o muro de branco (Leonardo, de camiseta regata laranja na figura 23), percebi que essa etapa do projeto teria que ser desenvolvida por mim. Será que a distância entre artista/público que temia lá atrás na etapa dos desenhos aconteceu? Talvez, uma vez que ao convidar Leonardo para continuar intervindo comigo, ele respondeu que não conseguiria, pois só quem estudou artes como eu poderia desenhar algo bonito para se colocar no muro. Embora houvesse o pesar de não conseguir envolvê-los na pintura, era compreensível a ausência deles, já que trabalhavam muito durante a semana e sábado seria o momento de descanso, lazer, de estar com a família ou mesmo de colocar em dia os afazeres de casa. Ciente dessa situação, continuei as pinturas apenas com a ajuda de minha esposa, que ia esporadicamente me dar um apoio, fazendo com que o cinza que um dia aprisionou a cooperativa começasse a ganhar cor (Figura 25).



FIGURA 25 – Registros da pintura do muro, 2015. Fonte: arquivo pessoal.

À medida que novas camadas de cor foram surgindo diante do muro que blindava a fachada da COOPERMAS, surpresas interessantes para o desenvolvimento da intervenção foram acontecendo, as percepções instigadoras dos transeuntes perpassavam a prática da pintura através dos diálogos realizados durante a ação, sejam elas carregadas de preconceitos ou mesmo libertadoras de tal pensamento. As falas eram desde a beleza que o local estava tomando através das cores que ali se depositavam até o compartilhamento da situação dos cooperados e as demonstrações de conceitos ingênuos dos transeuntes sobre o local, bem como o desconhecimento do que funcionava ali. Um desses pensamentos, de um senhor, representa o amálgama de sensações perceptivas que se instauraram naquele ambiente: “Tá ficando bom. Não parece nem que é lixo mais”.

Outro ponto que causou extrema surpresa foi a aproximação dos homens que trabalham na COOPERMAS, já que antes, arredios e de semblante sisudo, não se permitiam aproximar em nenhuma das etapas da proposta do trabalho. Ao verem que a ação artística culminaria em uma pintura no muro, passaram a demonstrar maior interesse na intervenção. Ao pintar o muro de branco, tive a ajuda de Leonardo, que mesmo não se dispondo a intervir artisticamente, estava disposto a ajudar de alguma forma na pesquisa. Mesmo não querendo elaborar seus desenhos ou colorir a composição que realizei, todos os fins de semana, no mínimo um dos homens que lá trabalhavam, dentre eles Alexandre, Zinho, Carlos, Adriano, além do mencionado Leonardo, iam até a cooperativa para ter uma conversa informal comigo (bater papo) enquanto realizava a intervenção artística. Não existia mais uma relação de estranhamento com os trabalhadores, ali nasciam amizades, e aquele ambiente, que se tornou um lugar de afetividades, recebia trocas diversas, tanto minhas quanto dos transeuntes e dos cooperados. “São diversas camadas de significantes e experiências

que se sobrepõem nessa pequena comunidade e que apontam para novas possibilidades de percepção e transformação. Um espaço de troca, aprendizado e sociabilização” (NADOR, 2006, p. 100).

A amizade que se fecundava veio acompanhada da confiança de todos que trabalhavam na cooperativa e foi no andamento da intervenção que ganhei o privilégio de frequentar aquele ambiente em todo e qualquer dia e horário que desejasse. Dona Lourdes um dia me pediu para pintar no muro uma frase que ela gostava muito, tirada de um cartaz referente a uma campanha de limpeza e reciclagem chamada Limpa Brasil²⁴: “O mundo ficou pequeno demais para tanto lixo”. Nesse momento fui autorizado por ela a vir também nas quintas e sextas, o que demonstrou que a arte pode ser uma ferramenta de sociabilização entre os seres humanos, posto que houve, para mim, uma crescente conquista de espaço para participar do território da cooperativa. No início, tinha apenas uma hora nas segundas-feiras de cada semana, à medida que o tempo foi passando ganhei novos dias para trabalhar, até ser liberada minha presença nos dias da semana citados, que eram conturbados para os cooperados, devido a motivos já apresentados.

As camadas que sobrepujam a cidade são também alimentadas pelas camadas que delineiam as relações humanas, a intervenção no muro deixava essas barreiras translúcidas, frágeis, à medida que cada pessoa ali se conhecia; intercessões de ambos os lados do muro criavam conexões entre quem está fora e dentro. Com o avanço da pintura, as interações com a produção se potencializavam, uma vez que, no início, os olhares amedrontados ainda mantinham distância da prática, mas à medida que as cores cobriam o branco do muro, visitas tornavam-se corriqueiras (Figuras 26, 27, 28 e 29).

²⁴ Campanha Limpa Brasil! Let's do it! Foi fundada no Brasil em 2010, pelo grupo Atitude Brasil, vinculado a um movimento internacional, nascido dois anos antes. Seu objetivo é realizar uma limpeza nas cidades, ensinando a população os preceitos da reciclagem e a como separar os resíduos domésticos. Para maiores informações, visite o site: <http://www.limpabrasil.net/o_projeto/>. Acesso em: Junho de 2015.



FIGURA 26 – Registro das interações no muro, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 27 – Registro das interações no muro, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 28 – Registro das interações no muro, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 29 – Registro das interações no muro, 2015. Fonte: arquivo pessoal.

Diálogos construtivos surgiam e conscientizações de uma mente induzida aos achismos de percepções alheias se rompiam, fazendo com que muitas dessas vendas criadas por essas formatações sociais caíssem durante a ação do projeto “Simbiose”, estabelecendo conexões entre transeuntes e cooperados, rua e cooperativa, fora e dentro, cidadãos iguais entre si. No decorrer da pintura, algo que não estava nos planejamentos da proposta aconteceu: alguns espectadores aceitaram meu convite e participaram, mesmo que brevemente, da pintura do muro (Figuras 30, 31 e 32). Apesar de sucintas, os compartilhamentos da proposta se fizeram presentes nas complementações realizadas pelas pessoas que circunscreveram suas passagens, formando novos paradigmas relacionais naquele lugar: Cristina, Alef e Beatriz mostram que “não é o objeto que é importante, mas a forma como ele é vivido pelo espectador” (BRETT, 2005, p. 48).

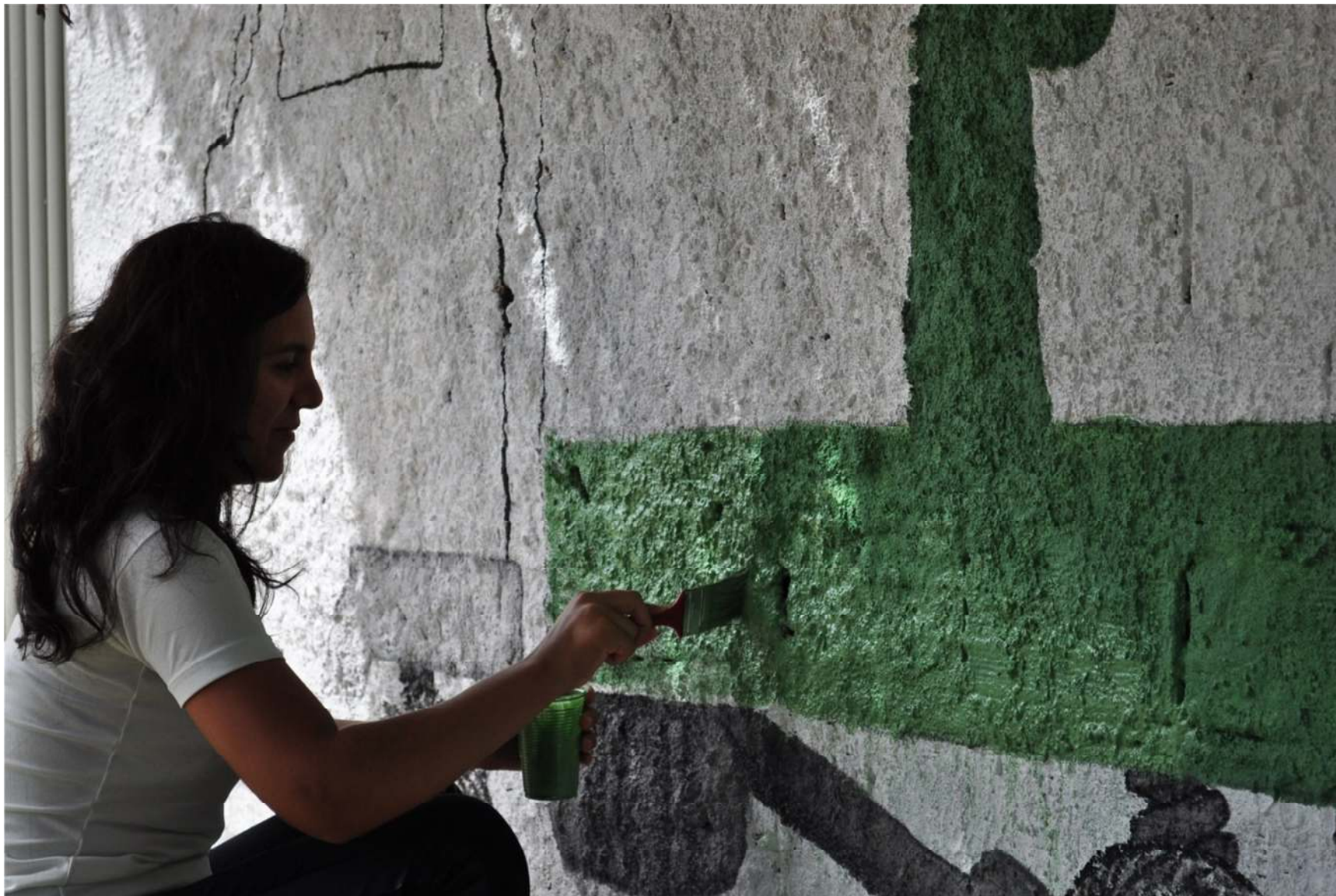


FIGURA 30 – Registro das interações no muro, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 31 – Registro das interações no muro, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 32 – Registro das interações no muro, 2015. Fonte: arquivo pessoal.

Após dois meses de trabalho surge a nova fachada (Figuras 33, 34, 35, 36 e 37). A pintura levou mais tempo devido a sua superfície irregular e chapiscada, um procedimento artesanal, em que vários pincéis foram usados e desgastados a esmo, mas todo o processo foi rico e a intervenção ganhou corpo, estabelecendo ligações com os transeuntes e com os cooperados durante as práticas – que se tornaram dados importantíssimos para a pesquisa –, suscitando novas reflexões dos caminhos trilhados até aquele momento. O fazer artístico na contemporaneidade produz relações externas ao campo da arte que alimentam a cultura, que foi apropriada pelo artista como ferramenta de conturbação do cotidiano ou mesmo na ordenação do tempo vivido. Obviamente, não é qualquer produção contemporânea que produz esse caráter relacional, mas, sim, a arte que se propõe como compartilhamento de experiências que constituem modelos de existência e ação dentro de nossa realidade, incorporando relações que vão desde o artista, o espectador e o mundo até proposições que trabalham as interações humanas e seu contexto social, deixando de lado a instauração de espaços autônomos e privados (BOURRIAUD, 2009).



FIGURA 33 – Intervenção sobre muro de concreto realizada com tintas a base de água, 20,2 x 2,36 m, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 34 – Detalhe da intervenção sobre muro de concreto, realizada com tintas a base de água, 20,2 x 2,36 m, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 35 – Detalhe da intervenção sobre muro de concreto, realizada com tintas a base de água, 20,2 x 2,36 m, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 36 e 37 – Detalhes da intervenção sobre muro de concreto, realizada com tintas a base de água, 20,2 x 2,36 m, 2015. Fonte: arquivo pessoal.

DENTRO E FORA: FRUTOS DE NOVOS TEMPOS

Com o final da intervenção, o muro que antes separava, agora convida, mudando a sua função inicial de esconder, para uma nova função alternativa: poder chamar. Ao estabelecer a construção de possíveis relações, e não mais de distanciamento, alguns olhares atravessam o novo muro, buscando mesclar-se à rotina da cooperativa. Cria-se uma membrana fortalecedora sobre essa camada que visa trabalhar as relações entre os seres humanos ali envolvidos, onde a arte entra como catalisadora de processos comunicativos, gerando diálogos e experiências conectivas. “A forma da obra contemporânea vai além de sua forma material: ela é um elemento de ligação, um princípio de aglutinação dinâmica. Uma obra de arte é um ponto sobre uma linha” (BOURRIAUD, 2009, p. 29). Com a ação artística no muro, algumas reflexões se fizeram necessárias no horizonte colorido dessa nova pele que revestiu aquele lugar: como foram as percepções? Quais construções e diálogos surgiram daquele novo elemento na paisagem do bairro? Como seguiu a dicotomia entre dentro e fora da cooperativa? Análises importantes para compreender o projeto e a ação do ato simbiótico, o qual defendo no seio de nossa mãe, Gaia.

Partilhar: a compreensão da simbiose

Os diálogos criados naquele muro são diversos, nem tudo é aproximação, mas pode vir a romper a venda da dinâmica rotineira da cidade que recobre nossa visão e transforma tudo que está no cotidiano em uma espessa e única camada. Um amálgama perceptivo que mostra pré-conceitos e preconceitos distintos:

“Que chique está ficando isso aqui. Tomara que os pichadores daqui não deem o ar da graça para incrementar o seu desenho. Será que não é alguém daí que picha os muros do bairro?”; “Tá ficando coloridão hein!”; “O que recicla aqui? Eu quero reciclar, mas eles não buscam”; “Aqui tudo é contra [os vizinhos]. Eu converso com eles aí”; “É muito bonito! O povo é muito ignorante, né. Desde o dia que eu tô passando aqui, tô vendo pintar. O povo aqui é tão sem educação que joga lixo para toda banda”; “Ficou bonito! Gostei! Eu acho que agora vai chamar mais atenção. O povo vai valorizar mais”; “Toda vez que eu passo aqui, você tá aí. Cada dia tem um negócio mudado”; “Ali é o caminhão, ali a prensadeira. É um muro educado, um muro na moral. Gostei de ver o trampo. Tudo que faz assim parece que já dá alegria”.

Nas falas dos transeuntes do bairro podemos ver entrelaces perceptivos com pontos de vistas distintos. “Esta trama de perspectivas – a articulação dos pontos a partir dos quais pode ser vista – constitui o seu “horizonte interno”. O observador nunca é estacionário: está sempre em movimento” (PEIXOTO, 1996, p. 150). Os espectadores passam a fazer parte do panorama horizontal da paisagem, incluindo os cooperados. “As coisas não são objetos de contemplação de um observador soberano, cujo olhar varreria todo o horizonte. O sujeito não vê as coisas a distância: eles são relevo de um mesmo campo” (PEIXOTO, 1996, p. 153). A ação desenvolvida na cooperativa pertence àquele local, e a COOPERMAS acaba deixando uma marca profunda no bairro com a mudança de sua visualidade.

[...] o desenho no muro intervém na paisagem e nomeia um lugar. Trata-se de intervenção urbana, de intervenção em lugar específico. Isso vale para aquelas intervenções que pensam a relação do desenho – entendido primeiramente como a figura inscrita no muro – com o entorno, não podendo existir em outro lugar; ainda que a mesma figura seja inscrita em outros lugares, outras situações serão configuradas (TAVARES, 2009, p. 26).

Novas relações surgem dessa transformação, mudar algo tão arraigado quanto os preconceitos dos vizinhos próximos da cooperativa talvez seja algo mais complexo, mas a vizinhança que constitui o bairro Conjunto Vera Cruz I (e outros próximos), que ainda possui uma visão superficial de todo o contexto, dialoga melhor com a proposta do projeto. Nas falas dos transeuntes podemos perceber que a maioria deles criam diálogos positivos ao ver a nova fachada e o florescimento de conscientização germina em vários seres que ali passam no fluxo da dinâmica rotineira da rua. Percebemos que “os espaços educam. Espaços criativos geram pessoas criativas” (PORO, 2013, p. 81). A comunicação com os espectadores foi essencial nesse ponto em que o projeto chegou, pois ela é interface, uma zona de interação que vai ao encontro do outro, ou seja, quer estar em conjunto. A comunhão vai além da técnica, enfatizando valores e investimentos emocionais que ultrapassam a troca de signos ou informações no sentido utilitário do termo (MAFFESOLI, 2010). A produção desse projeto não visa materializar um objeto artístico para contemplação em espaços institucionais da arte, pois a experiência dentro da cooperativa é o elemento mais importante e constitui o processo artístico. “A desmaterialização do objeto contribuiu com a diluição da autoria individual, com a arte como linguagem de protesto e arma educacional” (MESQUITA, 2008, p. 102).

Os cooperados receberam muito bem a intervenção, acompanharam-na pouco a pouco nos dias em que se consumiram seu desenvolvimento. O pesar de não tê-los envolvido foi passando com o tempo, pois olhando para trás percebi que as fotografias do espaço, os desenhos das participantes e a pintura do muro não foram os únicos elementos que resultaram desse caminho no projeto. Minha ligação com a COOPERMAS foi um dos resultados mais positivos da pesquisa, os afetos que ali se instauraram constituíram aquele ambiente como um lugar para mim. Os bate-papos informais, as risadas, os apelidos, as histórias e a confiança que partilharam comigo transformou a experiência com a cooperativa no real processo

artístico da “Simbiose”, em que a intervenção entra como um momento importantíssimo deste caminho, um clímax que faz parte de algo maior e evidencia o carácter processual deste projeto. Dessa interação se constitui as afetividades de um local intimista, como relatado por Marta Traquino (2010, p. 60):

Através do processo do tempo, os lugares podem adquirir um profundo significado afectivo. Mas igualmente pode acontecer uma relação muito forte com um lugar onde estivemos ou passamos pouco tempo. Neste caso, mais do que o fator temporal, é priorizada a intensidade e qualidade da experiência pessoal. [...] O sentido do Lugar produz-se na fusão da nossa experiência (física, emotiva e/ou intelectual) dos seus ritmos e elementos naturais e humanos ou simbólicos. O Lugar une espaço, cultura e memória.

Trazer os trabalhadores da COOPERMAS para o projeto como coautores estabeleceu uma afetividade entre nós que contribuiu para a espacialização do discurso que defendemos e que, juntos, trabalhamos na construção de uma visualidade dentro do sistema cultural de nosso bairro, visando micromudanças que se estabelecerão a curto, médio e longo prazo. Compartilhamos das condições de anticorpo para atuar no seio de Gaia como filhos conectados de volta ao útero deste grandioso organismo vivo. E os sorrisos que ali se instauraram foram a partilha de minha alegria ao estar entre eles, podendo sentir que pertença àquele lugar (Figuras 38, 39, 40, 41, 42, 43 e 44).



FIGURA 38 – Registros da apresentação da intervenção aos cooperados, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 39 – Registros da apresentação da intervenção aos cooperados, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURAS 40, 41 e 42 – Registros da apresentação da intervenção aos cooperados, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 43 – Registros da apresentação da intervenção aos cooperados, 2015. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 44 – Registros da apresentação da intervenção aos cooperados, 2015. Fonte: arquivo pessoal.

Partilhar é a compreensão das relações que se construíram de forma mútua naquele lugar, transformando a simbiose em um caminho necessário, sem as visões de dependência ou parasitismo que alguns possam ter sobre esse conceito. Significa caminhar unidos em prol de nossa vida dentro do ambiente em que convivemos. O engajamento poético e estético transformou os cooperados e eu não apenas em artistas, mas também em cidadãos propositores de reflexões em nossa comunidade: segundo Dona Lourdes, o abaixo assinado que circula pelo bairro já começa a perder força devido à mudança de olhar da vizinhança para aquele espaço. “Uma ação, necessariamente local, ecoa em outros pontos, como por ondas” (PEIXOTO, 2002, p. 12). O projeto “Simbiose” pode ser uma pequena pedra jogada na água, mas suas ondas podem atingir distâncias inimagináveis.

Novas perspectivas

É importante visualizar que este trabalho de arte foi fundamental no contexto em que a COOPERMAS se encontrava, aonde cooperados e eu agimos dentro da cultura que nos circunda para poder trazer novos diálogos e olhares para questões importantes em nossas vidas. A coletividade no processo foi fator essencial no projeto, ramificando-se até se encontrar com alguns transeuntes que aceitaram participar da pintura do muro e, mesmo sendo um pequeno interstício nesse caminho, representa uma relação que se constrói naquele espaço. Esta germinação não acontece do dia para noite e deve ter seu tempo respeitado. Trabalhos coletivos não são uma novidade para o campo das artes e podem ser realizados de diversas formas, como explica o pesquisador André Luiz Mesquita (2008, p. 51):

No século XX, tivemos a criação de práticas artísticas extremamente variadas. Basicamente, enquanto as vanguardas artísticas procuravam através do coletivo instituir uma unidade política entre seus indivíduos, os movimentos do pós-guerra e, principalmente, os grupos atuais, [...] optaram por formações coletivas descentralizadas e heterogêneas, determinadas, muitas vezes, pela relação entre os três vetores principais de produção: a autoria de um projeto, processos de organização e criação de uma obra. [...] Vemos artistas trabalhando coletivamente a partir de uma única proposta ou em colaboração com indivíduos de diferentes áreas. Há também artistas que se reúnem em torno de uma idéia coletiva ou de um movimento, mas desenvolvem suas obras individualmente, assim como um projeto artístico com a participação do público, de uma comunidade ou de um grupo político.

As produções artísticas têm em seu cerne estabelecer relações com pessoas e/ou com o mundo, sejam expressões individuais ou experiências que ampliam o caráter coletivo do fazer de um artista. No caminho trilhado desta pesquisa nos deparamos com pré-conceitos, achismos sem um aprofundamento no conhecimento sobre determinado local ou assunto, que, em alguns casos, chegaram a se transformar em preconceitos, cujos achismos ganham uma radicalidade em reações de repulsa e segregação. Nas falas dos transeuntes que se dispuseram a dialogar durante a intervenção no muro podemos perceber alguns momentos em que estas condições afloraram, mas o curioso são os discursos de alguns dos que ali passaram e que defendem as ações sustentáveis da reciclagem, mesmo que suas práticas no cotidiano sejam distintas dele, a exemplo da senhora que disse: “Eu quero reciclar, mas eles não buscam”. Em uma cidade que desfruta de um programa de coleta seletiva bem organizado como Goiânia, uma fala que expõe o desejo de reciclar, o que é moralmente bem visto pela sociedade, complementada pela ação inane, demonstra que o discurso é um e a prática é outra. Anne Cauquelin (2007, p. 108), filósofa francesa, discute sobre a adaptação dos discursos em relação às práticas do dia a dia:

Tendemos a opor a retórica, obra um pouco demoníaca, que cobre o campo da persuasão, do falso-aparente e das argumentações viciosas, ao justo sentimento do verdadeiro, à reta razão, à “verdadeira” filosofia. Desse modo, geralmente limitamos nossos direitos às operações pontuais indispensáveis à condução de um discurso convincente, em outras palavras, às “figuras do discurso”. Dispositivos e efeitos especiais, adjuvantes da fala, que o reto pensamento deve gerir em prol de seus interesses.

Grande parte dos seres humanos adaptam os discursos para morais estabelecidas socialmente, criando um falso-aparente que protege as práticas viciosas do cotidiano, mas tal proteção nos conduz à comodidade, na qual mergulhamos tão profundamente que alimentamos sistemas que nós mesmos contestamos, desde não reciclar os resíduos em nossas residências a permitir que uma mineradora sugue os recursos do solo sem qualquer preocupação ambiental ou humana, até causar um enorme desastre.

Assim como essas “figuras do discurso” alimentam as práticas errôneas do ser humano e nos afasta do caminho conectivo com Gaia, o individualismo, que é crescente na sociedade em que vivemos, também contribui para esse distanciamento. Nos habituamos nos últimos tempos com a perda da coletividade em nossas vidas, como aponta Luiz Sérgio de Oliveira, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (2015, p. 3748-3749):

Nas últimas décadas, temos assistido a mudanças nos padrões de comportamento e de consumo das sociedades urbanas que aliam noções de mobilidade e de privacidade, resultando na saturação das individualidades: o telefone móvel, no lugar do telefone fixo que outrora atendia pequenas comunidades; o laptop como substituto do computador partilhado no ambiente familiar ou no âmbito do trabalho; o fone de ouvido, enclausurando cada um sobre si mesmo, esquivando-nos do encontro direto com as coisas do mundo.

Para proteger o modo de vida, seja ele de práticas benéficas ou não, muitas vezes os seres humanos se agrupam em nichos para defendê-la, como observamos nesta pesquisa, onde os cooperados já são um grupo definido que se articula em prol de seu sustento e do trabalho ambiental, tendo do outro lado um grupo de vizinhos, que também defendem interesses próprios, seja com a especulação dentro do bairro e das mídias, como na criação de um abaixo-assinado contra a COOPERMAS. E neste embate, cada um pode mostrar faces ocultas e sombrias para permanência de seus modos de vida.

[...] o grupo, por mais que ele próprio se negue como 'centro', é criador de pertencimentos (ou criado por sentimentos de pertencimento) que, não sendo retratos de uma perfeição moralizante e normativa, podem conhecer lados obscuros, como o do horror à alteridade. Por exemplo, quando projetamos, em 'outros' grupos, aquilo que vemos de mau ou repulsivo em nós próprios – e estigmatizamos a “sombra” que projetamos (MAFFESOLI, 2010, p. 14).

Hoje compreendo melhor os olhares desconfiados que me atravessaram como se fossem lâminas na primeira visita que fiz à cooperativa, pois a voracidade daqueles olhos são de quem batalha dia a dia não só para se sustentarem, mas também para serem aceitos socialmente, pois o medo de ataques de quem está de fora daqueles muros é constante e os condiciona a serem ferozes na mesma proporção em que o preconceito os atinge. Como artista e cidadão, me propus trabalhar no fluxo do bairro Conjunto Vera Cruz I, aprendendo a habitar melhor a realidade à qual pertenço, procurando constituir modos de existência e ação que permeiam nossa cultura. Dentro do campo da arte existem artistas que estão saindo do espaço institucional da arte para um fazer artístico relacionado à vida, como explica Luiz Sérgio de Oliveira (2013, p. 3144):

[...] na contemporaneidade uma infinidade de artistas de diferentes lugares tem privilegiado os espaços externos às instituições de arte para a efetivação de seus projetos de arte; artistas que elegeram a arena pública como espaço privilegiado para a instauração de uma arte que pode e deve ser vista com um processo de reversão do decantado fracasso das vanguardas. Esses artistas estão enfrentando a separação entre arte e vida a partir do lado de dentro, não [...] do dentro institucional, mas de dentro da vida, o qual pode eventualmente significar do lado de fora do território tradicional que tem sido consignado à arte [...].

Claro que o projeto “Simbiose” está vinculado a um espaço institucional da arte, que é a academia, mas este diálogo que ele propõe é importante na contemporaneidade e pode ser realizado através do intercâmbio com a instituição, sempre priorizando suas ações como forma de inserção e reflexão dentro da realidade da qual fazemos parte, ou seja, além dos muros da universidade. A prática colaborativa do fazer artístico vem sendo discutida e deve ser ampliada dentro das faculdades para enfrentar sistemas elitistas e excludentes no campo das artes que trabalhamos e estudamos, questionando a aura das produções artísticas e quebrando a mística da genialidade do artista. Nicolas Bourriaud (2009, p. 19) denomina esse tipo de fazer artístico como “arte relacional (uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico e privado)”. Outros autores denominam de formas diferentes o fazer artístico, como Luiz Sérgio de Oliveira (2013, p. 3141), que o chama de “prática colaborativa”; ou mesmo a orientadora deste trabalho, Eliane Chaud (2012, p.31), que em seu projeto de doutorado o tratou por “poética compartilhada”, que consiste em “uma poética artística coletiva, onde o fazer artístico tem o propósito de troca, de estar junto, de disponibilizar para o outro”. Independentemente das nomenclaturas, ambos defendem a mesma forma de produção artística que cresce no país, valorizando a importância da coletividade para nossa sociedade e do artista como um ser integrado a

sua realidade. Oliveira (2015) considera esse debate como sendo um enfrentamento ao sistema de arte tradicional (2015, p. 3747-3748):

O enfrentamento promovido pelas práticas colaborativas às assunções e verdades que dominam o sistema de arte são capazes de fomentar assertivas, até certo ponto enganosas, como aquela que assevera a instauração de novos paradigmas no fazer artístico, justificada como derivação de certa euforia e do desejo de reversão de um sistema de arte formado sobre fundamentos elitistas e excludentes. [...] Essas práticas colaborativas se instauram em um universo paralelo ao *mainstream*, percebendo à distância o poder de desconfiança e de desqualificação exercido pelo sistema de arte mais consolidado [...].

O caráter coletivo que acende nas produções contemporâneas traz ao debate o individualismo crescente em nossa sociedade, apresentando novas perspectivas ao fazer artístico. O projeto “Simbiose” entra nessa roda de reflexões para se colocar como uma produção calcada na experiência processual e coletiva, compartilhando histórias, trocando afetividades, se disponibilizando para o próximo, pensando nossa realidade de dentro, para, assim, podermos dialogar sobre uma sociedade que se conecta consigo mesma e retoma o fluxo construtivo com Gaia. É a arte como catalisadora de processos emancipatórios em nossa cultura, e fundadora de espaços relacionais, pois “o mais urgente não é mais a emancipação dos indivíduos, e sim a da comunicação inter-humana, a emancipação da dimensão relacional da existência” (BOURRIAUD, 2009, p. 84).

Diálogos construtivos: anticorpos na arte

Mesmo sendo uma discussão atual, não é de hoje que artistas procuram formas de debater e trabalhar a coletividade e/ou a relação arte/vida. Alguns pensadores influenciaram substancialmente as práticas do projeto “Simbiose”, como o alemão Joseph Beuys, que teve um forte engajamento social e político em seu processo artístico, e trouxe para o diálogo, em suas produções e palestras, a ideia de “escultura social”, visando uma modificação da sociedade como obra artística coletiva. Beuys foi integrante e um dos fundadores do partido ambientalista alemão, “Os Verdes”, ajudou a criar a Organização pela Democracia Direta por Plebiscito e a Universidade Livre Internacional, instituição de ensino livre, com sedes espalhadas pela Europa. Essa revolução social ativada pelos poderes transformadores da arte mostra o profundo compromisso social de Joseph Beuys, que usou a palavra como articulação do pensamento, colocando-a como parte do processo em suas produções, visando uma coletividade ao alertar e entregar o poder de transformação em nossas mãos, colocando-nos como matéria ativa, entidade vital, criadora e empenhada na metamorfose da estrutura de nossa sociedade. A escultura social é, antes de tudo, pensamento, e o pensamento é escultura social. Essa revolução ativada pelos poderes transformadores da arte é muito discutida nos escritos e discursos do artista alemão Joseph Beuys (2006, p. 301). Ele esclarece que as transformações necessárias no mundo dependem de nós mesmos, como pode ser visto em um de seus pensamentos:

Quero dizer que as pessoas poderiam fazer a revolução se usassem seu próprio poder. Mas elas não estão conscientes do enorme poder que têm, e é por isso que não se faz nenhuma revolução. É isto que quero dizer com este *slogan* [Todo homem é um artista]. Mais uma vez as pessoas têm o poder de mudar

a situação, mas não têm consciência disso. Por isso, reputo como meu dever informá-las do enorme poder que possuem, e vou trabalhar cada vez mais por essa causa.

Seu papel como artista e cidadão pode ser visto na obra “7.000 Carvalhos” (Figura 45)²⁵, realizado na Documenta de Kassel, no ano de 1982, em que ele determinou que seriam plantados sete mil carvalhos, na esperança de que a ideia se espalhasse, demonstrando sua preocupação ambiental e social (BEUYS, 2006).



FIGURA 45 – BEUYS, Joseph. 7.000 Carvalhos, 1982. Fonte: Catálogo do Sesc Pompéia – Joseph Beuys: a revolução somos nós.

²⁵ Para maiores informações, ver: Joseph Beuys: a revolução somos nós. Catálogo do Sesc Pompéia: São Paulo, 2010.